

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

VITÓRIA ASSUNÇÃO DE PÁDUA

**O REALISMO MÁGICO SOB A ÓTICA DA TEORIA PÓS-COLONIAL: UMA
ANÁLISE DA OBRA “CEM ANOS DE SOLIDÃO**

UBERLÂNDIA

2024

VITÓRIA ASSUNÇÃO DE PÁDUA

**O REALISMO MÁGICO SOB A ÓTICA DA TEORIA PÓS-COLONIAL: UMA
ANÁLISE DA OBRA “CEM ANOS DE SOLIDÃO”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Relações
Internacionais, do Instituto de Economia e
Relações Internacionais da Universidade
Federal de Uberlândia, como requisito para a
obtenção do título de bacharel em Relações
Internacionais

Orientadora: Prof.^a Dra. Lara Martim
Rodrigues Selis

UBERLÂNDIA

2024

VITÓRIA ASSUNÇÃO DE PÁDUA

**O REALISMO MÁGICO SOB A ÓTICA DA TEORIA PÓS-COLONIAL: UMA
ANÁLISE DA OBRA “CEM ANOS DE SOLIDÃO”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Relações
Internacionais, do Instituto de Economia e
Relações Internacionais da Universidade
Federal de Uberlândia, como requisito para a
obtenção do título de bacharel em Relações
Internacionais

Orientadora: Prof.^a Dra. Lara Martim
Rodrigues Selis

Uberlândia, 2024

Banca Examinadora:

Lara Martim Rodrigues Selis
Orientadora

Edson José Neves Júnior
Examinador (a)

Larissa Picinato Mazuchelli
Examinador (a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela minha vida, e por ter iluminado meu caminho durante a realização deste trabalho.

Agradeço à minha família, e em especial à minha mãe, por ter demonstrando um apoio inestimável ao longo de todo o processo.

Agradeço à minha irmã, e em especial à minha sobrinha, por ter sido uma fonte de alegria nesse último ano.

Agradeço à professora Lara Martim Rodrigues Selis, por ter aceitado me orientar e pela paciência durante o projeto.

Agradeço às minhas colegas internacionalistas Amanda, Júlia, Maria Eduarda e Mariana, por terem sido fundamentais durante a graduação.

RESUMO

O presente trabalho analisa a expressão do realismo mágico no romance literário “Cem Anos de Solidão” sob a ótica de conceitos chave para a teoria pós-colonial, como o hibridismo de Homi K. Bhabha e o “entre lugar” de Silviano Santiago. No primeiro capítulo, contextualiza a Virada Estética no campo das Relações Internacionais, além de ressaltar a validade da obra literária para o enriquecimento da análise política. Em sequência, a pesquisa apresenta o histórico, características e interpretações do realismo mágico, e estabelece paralelos com debates relevantes do pós-colonialismo. Por fim, o terceiro capítulo analisa episódios da obra que ilustram o uso do realismo mágico no realce de temáticas sobre a colonização latino-americana. A pesquisa é de teor qualitativo, baseada na revisão bibliográfica de conceitos e autores pertinentes sobre o tema. Assim, o trabalho conclui que o realismo mágico fornece recursos literários pertinentes para a combinação textual de elementos opostos, articulando noções entre o real/sobrenatural, arcaico/moderno e o local/internacional.

Palavras-chave: Cem Anos de Solidão; realismo mágico; pós colonialismo

ABSTRACT

This research analyzes the expression of magical realism in the literary novel “One Hundred Years of Solitude” in the light of key concepts in the postcolonial theory, such as Homi K. Bhabha’s “hybridism” and Silviano Santiago’s “entre lugar”. The first chapter contextualizes the Aesthetic Turn in the field of International Relations, tracing valuable connections between literature and political analysis. In the following section, the paper describes the history, main features and possible interpretations of magical realism, and establishes parallels with relevant debates in postcolonialism. Finally, the third chapter analyzes episodes in the book that illustrates the use of magical realism in highlighting themes about Latin American colonization. The research is qualitative, based in a review of concepts and authors relevant to the subject. Thus, the research concludes that magical realism provides pertinent literary resources for the textual combination of opposing elements, promoting a complex space for the exploration of the dichotomies between the real/supernatural, archaic/modern and the local/international.

Palavras-chave: One Hundred of Solitude; magical realism; postcolonialism

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. O DIÁLOGO ENTRE A LITERATURA E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	11
2.1. A Virada Estética nas Relações Internacionais	11
2.2. As Narrativas entre a Literatura e as Relações Internacionais	13
3. O REALISMO MÁGICO SOB A ÓTICA DA TEORIA PÓS COLONIAL	19
3.1. O “Entre Lugar” do Realismo Mágico	19
3.2. Uma ponte entre o Realismo Mágico e a Teoria Pós-Colonial	27
4. ANÁLISE DA OBRA “CEM ANOS DE SOLIDÃO”	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

1. INTRODUÇÃO

O escritor colombiano Gabriel García Márquez, laureado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1982, proferiu um impressionante discurso na cerimônia de premiação, expresso no trecho:

Uma realidade que não é a do papel, mas que vive conosco e determina cada instante de nossas incontáveis mortes cotidianas, e que sustenta um manancial de criação insaciável, pleno de desdita e de beleza, [...]. Poetas e mendigos, músicos e profetas, guerreiros e malandros, todos nós, criaturas daquela realidade desaforada, tivemos que pedir muito pouco à imaginação, porque o maior desafio para nós tem sido a insuficiência dos recursos convencionais para fazer crível nossa vida. Este é, amigos, o nó de nossa solidão. (Márquez, *Nobel Lecture*, 1982.)

Esse fragmento expressa as mazelas e os triunfos da experiência latino-americana, ressaltando sua pluralidade histórica, cultural e social. A premiação consolidou o fenômeno do “boom” latino americano dos anos 60 e 70, que havia alcançado prestígio nos círculos literários internacionais. Escritores como Astúrias, Carpentier, Cortázar, Rulfo, Márquez e Allende, ficaram conhecidos por sua maestria narrativa e inventividade técnica, sendo comumente atrelados ao gênero do realismo mágico, expressão literária caracterizada pela coexistência textual de elementos realistas e sobrenaturais (Iegelski, 2021).

Embora a delimitação clara do realismo mágico ainda seja uma tarefa complicada, empreendida por diversos críticos, é notável a presença de técnicas que fogem do romance realista tradicional do século XIX, principalmente na naturalização de eventos fantásticos e sobrenaturais, que sem causar qualquer tipo de espanto ou inquietação nos personagens, produzem encantamento no leitor. Além disso, é perceptível a recorrência de temáticas que discorrem sobre o desenvolvimento político da América Latina, o violento processo de colonização e assimilação cultural, e as inúmeras revoluções e revoltas sociais. Uma das obras mais reconhecidas do gênero é o romance “Cem Anos de Solidão (1967) de Gabriel Garcia Márquez, que ganhou notoriedade internacional por meio da saga geracional da família Buendía, ambientada na cidade de Macondo, muitas vezes interpretada como uma metáfora para a formação da América Latina. A obra têm sido referência para diversas leituras, sejam de cunho histórico, político ou ideológico. Nesse sentido, é possível extrair temáticas de discussão sobre alteridade, identidade e memória, especialmente relevantes em um país colonizado. Dessa forma, os eventos narrados podem adquirir novos significados quando interpretados a partir desse contexto, assim como a compreensão dos impactos do processo colonial pode ser enriquecida mediante a análise da obra literária.

Nesse sentido, a teoria pós-colonial contribui para a compreensão do processo de colonização, principalmente da complexa relação estabelecida entre colonizador e colonizado. A teoria pós-colonial passou a integrar o debate das relações internacionais a partir da década de 1980, baseada na crítica ao eurocentrismo e aos limites da ciência positivista. Logo, evidenciou os mecanismos de imposição política, econômica e cultural que sustentam a hegemonia ocidental, cuja legitimação se baseia na manutenção das relações de subordinação entre centro/periferia, a partir de um movimento de inferiorização do “outro” (Gandhi, 2018). Autores como Silviano Santiago e Homi K. Bhabha teorizaram sobre o processo colonial, com ênfase para seus impactos na formação cultural nesses espaços permeados pelo encontro entre a metrópole e a colônia

Dessa forma, o trabalho busca compreender: como a expressão do realismo mágico na literatura latino-americana, incorporada na obra “Cem Anos de Solidão”, pode ser interpretada sob a ótica da teoria pós-colonial? Permeado pela dualidade narrativa entre o “real”, definição baseada no empirismo cientificista europeu, e o “mágico”, mentalidade mística que deriva do imaginário popular; o realismo mágico também é marcado pelo encontro entre duas categorias discrepantes, mas que coexistem no plano narrativo. Deste modo, a hipótese do presente trabalho consiste na possibilidade de se identificar na obra “Cem Anos de Solidão” temáticas de relevância para a teoria e o debate pós-colonial, evidenciando como esses elementos são retratados, simbolizados e interpretados no romance.

A pesquisa se situa no campo da análise estética, vertente que passou a integrar o estudo das Relações Internacionais a partir dos anos 2000, impulsionada pela publicação do livro “*The Aesthetics and World Politics*” (2009) de Roland Bleiker. O autor defende a introdução da abordagem estética no estudo da política mundial, afirmando que as mídias artísticas, como a fotografia, música e a literatura, poderiam expandir a compreensão dos fenômenos sociais e oferecer novas perspectivas de análise (Bleiker, 2009). Dessa forma, considerando a obra literária como uma produção estética, que invariavelmente reflete valores, práticas e ideias de caráter social, cultural e político, o romance “Cem Anos de Solidão” foi escolhido tanto por sua relevância no cenário literário, tanto latino-americano quanto internacional, mas também pelo seu conteúdo, que retrata episódios chave da história colombiana, como a tragédia do Massacre das Bananeiras, episódio que resultou na morte de trabalhadores colombianos durante um protesto. Ressalta-se que o volume lido e consultado é a 137ª edição, publicada pela editora Record em 2023, com tradução de Eric Nepomuceno.

A pesquisa é de natureza teórica e qualitativa, pautada na análise interpretativa do gênero literário realismo mágico, manifestado na obra *Cem Anos de Solidão*, sob a ótica de conceitos pertinentes para a compreensão da teoria pós-colonial, como a categoria do “entre lugar” formulada por Silviano Santiago (2005) e a concepção de “hibridismo” para Homi K. Bhabha (1998). Além disso, também se apoia nas análises de Chiampi (1980), Faris (2022) e Robinson (2006) sobre a manifestação do realismo mágico no romance. De maneira geral, pretende-se analisar temáticas, símbolos e alegorias presentes no realismo mágico da obra escolhida, tais como: a coexistência textual das categorias do real/fantástico, o resgate de elementos da cultura nativa local, e a mobilização narrativa de elementos fictícios para desafiar e reinterpretar eventos da historiografia oficial colombiana.

Para a concretização da monografia, o método científico utilizado foi a revisão bibliográfica, mediante a investigação teórica das principais obras e autores de cada área temática. No primeiro capítulo, realizou-se uma contextualização da virada estética nas Relações Internacionais, baseando-se principalmente na análise de Roland Bleiker sobre a importância da abordagem estética no estudo do internacional e a problemática da representação “mimética”. Além disso, buscou-se apontar as reflexões de autores que ressaltam a relevância política da obra literária, como Darby (1998), Whitebrook (1995), Zuckert (1981) e Meretoja (2017).

No segundo capítulo, para a investigação, descrição e problematização do gênero realismo mágico, foram mobilizadas as contribuições teóricas de autores relevantes no campo, cujos ensaios incluídos no compêndio “*Magical Realism: Theory, History, Community*” (1995), organizado por Wendy B. Faris e Lois Parkinson Zamora, tais como Carpentier (1949), Flores (1955), Leal (1967), Chanady (1995) e D’haen (1995). Além disso, também se utilizou as ideias de Chiampi (1995), Camayd-Freixas (1998) e Faris (2004) para aprofundar a discussão sobre essa expressão literária. Para estabelecer um diálogo teórico com categorias analíticas do pensamento pós-colonial, foram resgatadas as reflexões de Bhabha (1998), Santiago (2005), e Quijano (2007) sobre os processos de encontro entre colonizador/colonizado e seus impactos sobre a formação cultural na colônia. O trabalho buscou traçar pontos de encontro entre as discussões coloniais de miscigenação e hibridismo cultural com recursos tradicionais do gênero literário, como a mescla textual entre o “real” e o “mágico”, assim como seus possíveis desdobramentos políticos.

Por fim, o terceiro capítulo se dedicou à análise de “*Cem Anos de Solidão*”. Para auxílio no exercício interpretativo da obra, foram utilizados artigos organizados no volume “*The*

Oxford Handbook of Gabriel García Márquez” (2022), assim como trechos de sua biografia, escrita por Gerald Martin (2010), e entrevistas registradas com Mário Vargas Llosa (1967). Além disso, também foram incorporadas as reflexões de Torres (2017); Robinson (2006), Faris (2022), Chiampi (1980) sobre os efeitos da incorporação do realismo mágico na narrativa.

Logo, a pesquisa justifica-se pela relevância temática da discussão sobre o pós-colonialismo, já que compreende que, embora a prática oficial do colonialismo político tenha se extinguido com a independência formal dos estados latino-americanos, seus efeitos ainda persistem, sejam no campo político, econômico ou cultural. Destarte, o objetivo do trabalho é contribuir com a compreensão desses processos de miscigenação, dominação e alteridade, além de buscar aproximar o campo teórico das Relações Internacionais com a literatura, já que se acredita que a obra literária é uma fonte significativa de reflexão sobre a realidade.

2. O DIÁLOGO ENTRE A LITERATURA E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

2.1. A Virada Estética nas Relações Internacionais

A “Virada Estética” foi um termo cunhado por Robert Bleiker (2009) para descrever a recente tendência no campo da política internacional em se engajar com a dimensão estética, preocupando-se com questões de representação, sensibilidade e criação artística. Nesse sentido, cada vez mais admite-se a relevância política das variadas formas de produção artística - artes plásticas, fotografia, cinema, literatura, poesia – assim como suas possíveis contribuições para a teoria das Relações Internacionais. Deste modo, considera-se que as fontes estéticas podem iluminar novas vias de análise e reflexão; chamar a atenção para perspectivas negligenciadas e/ou excluídas do debate, e expor falhas, lacunas e omissões nas formas tradicionais de se teorizar sobre o político (Bleiker, 2009).

Em sua análise, Bleiker também critica o mainstream acadêmico das Relações Internacionais (RI), questionando a predominância da teoria realista na área. Embora abordagens de cunho estético tenham ganhado mais espaço, a disciplina ainda é dominada pelo realismo; ou seja, sustentada pela ideia de que é possível compreender a realidade do mundo político em sua “essência”, livre de quaisquer valores e julgamentos pré-existentes. Essa noção também se infiltra em outras correntes de pensamento, como o liberalismo, que não questionam problemáticas de representação e interpretação, e assumem a possibilidade de se extrair “fatos” da realidade objetiva. Nesse sentido, a problemática reside na naturalização de determinados pressupostos teóricos, que são vistos como naturais ou parte do senso comum, retirando-os de seu caráter histórico e contingencial (Bleiker, 2009).

Ao assumirem uma posição além da contestação, essas teorias consolidam o único modelo viável de se engajar com o mundo político, e não abrem espaço para a exploração de alternativas divergentes, que se relacionam com o campo da sensibilidade, da ética, dos afetos, etc. O ponto das perspectivas críticas é que todo tipo de análise ou retrato de um evento, mesmo que por meio de métodos empíricos, é em si uma forma de interpretação que reflete escolhas, valores e julgamentos de ordem individual, cultural e circunstancial. E é justamente nessa invariável lacuna entre a representação e aquilo que é representado, que, segundo Bleiker, se localiza o político. (Bleiker, 2009).

Em contraste com formas miméticas de representação, que pretendem alcançar um retrato autêntico e fiel da realidade, as abordagens estéticas reconhecem a margem existente entre o evento e sua representação. Conscientes dessa distinção, conseguem ativamente

articular novas percepções sobre os fenômenos retratados, capazes de instigar reflexões alternativas, traçar conexões inesperadas e despertar sensibilidades. Importante assinalar que essa perspectiva não nega a existência dos eventos no mundo real, e nem propõe uma relativização radical da verdade, mas apenas assume que todo evento é enquadrado sob um contexto específico, mediado por filtros interpretativos (Bleiker, 2009).

Já as expressões artísticas se envolvem abertamente com formas de representação criativas, acentuando seu aspecto construtor da realidade. Sendo assim:

A análise estética adiciona uma dimensão diferente à nossa compreensão do político, e por consequência, aos discursos éticos centrais no debate político. [...]A estética pode nos oferecer insights que não podem ser obtidos por meio das práticas da razão instrumental que foram elevadas à forma principal - se não única – de entender a política. (Bleiker, 2009, p.11; tradução minha).

Ressalta-se que a expansão para a análise estética não substitui o comprometimento com questões de natureza ética, e não estabelece um guia orientador do que é moralmente certo ou errado, ou de como se deve pensar e agir diante de determinada situação. Embora a arte não ofereça respostas definitivas sobre os fenômenos políticos, por outro lado, permite acessar as opiniões, experiências e os sentimentos que permeiam esses eventos, e assim, chamar atenção para as formas pelas quais interpretamos, remodelamos e relembramos um fato político. Nesse sentido, o potencial ético é enriquecido mediante a ampliação de perspectivas e opiniões (Bleiker, 2009).

Outra contribuição significativa do insight estético é a legitimação de outras formas de conhecimento que não se limitam ao que pode ser apreendido por meio da razão e da lógica. Tradicionalmente, obras estéticas eram vistas com ceticismo pelo cientista político, já que não apresentam respaldo científico. Mas é justamente na sua particularidade que expressões artísticas conseguem ressaltar, retratar e representar vivências, percepções e sensibilidades que não poderiam ser capturadas por outros meios. Logo, redirecionam nosso entendimento do político para espaços que permaneceriam inexplorados pelas práticas convencionais (Bleiker, 2009).

Apoiado nessas reflexões, o trabalho pretende se aprofundar nas intersecções entre literatura e política, e explorar as possibilidades que emergem a partir da interação entre os dois campos. Como assinalado por Bleiker (2009), diálogos com a Literatura têm oferecido inúmeras contribuições para a virada estética da política internacional. Vários autores se voltaram para as narrativas ficcionais para teorizar sobre questões de representação, memória e identidade cultural, assim como assinalaram seu potencial como estímulo para a reflexão ética e moral.

2.2 As Narrativas entre a Literatura e as Relações Internacionais

À primeira vista, a Literatura e as Relações Internacionais parecem distantes, campos que lidam essencialmente com objetos distintos. Entretanto, argumenta-se que a disciplina de RI poderia se beneficiar de maior contato com a esfera literária. Sob esse sentido, é válido resgatar autores que refletem sobre as possíveis contribuições da Literatura para a análise política.

Em sua obra “ *The Fiction of Imperialism* (1998) ”, Darby examina o impacto do pós-colonialismo na política internacional a partir de narrativas literárias que retratam, problematizam e reinterpretam o processo colonial, principalmente sob o ponto de vista do sujeito colonizado. Sua argumentação também critica o mainstream teórico das relações internacionais, o qual manteve a gênese eurocêntrica de sua formação, tardiamente se dedicando às questões relativas aos países do “terceiro mundo” e aos movimentos de descolonização que se multiplicaram ao longo do século XX. Aspectos culturais foram negligenciados, já que rompiam com a pretensa noção de universalidade tão perseguida pela disciplina. Essa prática também se refletiu na exclusão de pessoas comuns da teoria e prática da área, negados como sujeitos políticos dignos de atenção. Embora Darby já mencione os impactos das abordagens pós-positivistas no questionamento das bases epistemológicas das RI, ainda demonstra ceticismo quanto ao efetivo alcance político dessas práticas (Darby, 1998).

Darby compreende que a política e literatura não constituem esferas completamente separadas, sem possibilidade de diálogo. Obras literárias sempre se engajaram com a dimensão sociopolítica, seja direta ou indiretamente, em apoio ou denúncia ao status quo. Além disso, com o desenvolvimento de teorias sobre o caráter simbólico, ideológico e parcial da própria linguagem, as barreiras que separam fatos da ficção têm se tornado mais fluidas. Entram em cena discussões sobre a construção narrativa do discurso político, as quais evidenciam a presença de convenções e estratégias literárias no processo de apresentação, interpretação e divulgação dos fenômenos políticos (Darby, 1998).

O pensamento humano se organiza a partir de tentativas de estabelecer correlações e identificar regularidades; em suma, de atribuir algum tipo de estrutura ao mundo real, que na prática, não segue padrões determinados. Existem determinadas convenções narrativas no processo de compreensão e interpretação dos eventos empíricos. Nesse sentido, textos ficcionais e não ficcionais compartilham mais aspectos semelhantes do que se poderia admitir inicialmente. Além disso, ambos também lidam com questões de representação, o que

invariavelmente contém poder político. No entanto, textos de caráter fictício, que não são restringidos por amarras convencionais, conseguem apresentar outros caminhos interpretativos para problemáticas sociopolíticas (Darby, 1998).

Considerando os propósitos de se engajar com a literatura, Darby admite que não existe uma única fórmula para se analisar o texto literário, e que a intenção prévia do leitor também influencia nesse processo. A primazia da literatura consiste na sua habilidade de abranger as sensibilidades morais, expandir o horizonte de conhecimento e instigar possibilidades alternativas, que fogem do senso comum. Do mesmo modo, é interessante analisar como obras literárias retratam, reproduzem ou questionam preceitos da sociedade na qual estão inseridas. Em referência aos critérios de escolha e seleção de textos, o autor prioriza obras consideradas “grande literatura”, em oposição à ficção popular, e afirma que são mais propícias à análise política por apresentarem uma postura mais abertamente crítica ao status quo (Darby, 1998). Entretanto, é válido apontar que o autor não se aprofunda nas distinções entre literatura “séria” e popular, e rapidamente dispensa o valor que livros populares podem oferecer para os estudos de Relações Internacionais, temática que já foi discutida em trabalhos mais recentes da disciplina.¹

Para Darby, um dos principais triunfos da literatura é a sua inclinação para o pessoal, sua preocupação em centralizar o comportamento, as motivações e sentimentos dos personagens, suas relações interpessoais e com o seu meio social. Quando a obra retrata um evento político, geralmente o circunda na esfera dos indivíduos retratados, o que estimula envolvimento emocional no leitor. No entanto, é importante reconhecer que determinadas convenções literárias são formadas a partir da tradição ocidental, e que o protagonismo do indivíduo nem sempre foi o foco da literatura. Em diversas culturas asiáticas e africanas, a manifestação do coletivo, atado a uma ordem religiosa ou étnica, prevaleceu sobre narrativas demasiadamente subjetivas (Darby, 1998).

Com a difusão dos moldes do romance para além da Europa, narrativas que centralizam experiências individuais emergiram em contextos coloniais, situando personagens em um cruzamento entre dois sistemas culturais distintos. Logo, retratam como temáticas cruciais para o debate pós-colonial – questões referentes à identidade, nacionalismo e miscigenação – se manifestam em situações cotidianas, imbuídas nas relações interpessoais do dia-a-dia,

¹ Vale citar obras como “Popular Culture and World Politics Theories, Methods, Pedagogies”; Popular Culture and World Politics Book Series; Otherworldly Politics: The International Relations of Star Trek, Game of Thrones, and Battlestar Galactica, entre outras.

iluminando perspectivas que passariam despercebidas pelas teorias tradicionais das RIs. Ao ampliar o leque de experiências retratadas, a literatura oferece um contraponto à tendência da disciplina em se distanciar da vida comum. Embora existam diferenças fundamentais entre a esfera do internacional e do pessoal, os dois campos são mais vinculados do que geralmente se admite. Em suma, “a literatura contextualiza a política na vida” (Darby, 1998, p. 48). Cria um espaço para a exploração dos emaranhados culturais entre o pessoal, o local e o internacional. Ao personalizar conflitos, contextualizando problemáticas em meio à trama diária dos personagens, os leitores são estimulados a refletir mais intimamente sobre as temáticas retratadas, em um exercício de sensibilidade. Assim, consegue reintroduzir debates morais na discussão política. (Darby, 1998)

Em consonância com essa abordagem, Catherine Zuckert (1981) afirma que o estudo de obras literárias aprofunda nossa compreensão do pensamento político. Embora seu texto foque no caso estadunidense, estabelece um quadro de análise que concilia a forma particular do romance com sua relevância para o estudo político. Para a autora, é essencial se atentar para as estratégias empregadas pelo romance na sua construção narrativa; o modo como aspectos da caracterização, enredo e cenário são entrelaçados para relatar estórias em contextos específicos. Não é possível retirar um ensinamento político da obra focando apenas no seu retrato social, ignorando demais aspectos estilísticos (Zuckert, 1981).

Nesse sentido, a literatura apresenta um modo específico de se articular o pensamento político: em oposição à tendência teórica de abstrair conceitos para formular generalizações, o romance abstrai ao escolher determinados elementos para recriar uma imagem da realidade. Essa particularidade é muitas vezes recebida com ceticismo para um teórico político, que a vê como um obstáculo na aplicação geral das ideias discutidas no romance para além das páginas. No entanto, é justamente nessa particularidade que jaz seu potencial para a reflexão política. Como já mencionado, a literatura enfatiza aspectos que a teoria negligencia, recriando um retrato da experiência humana. Entretanto, interpretações políticas da literatura não devem traduzir a obra em uma simples lição de moral. Essa redução impede que se explore a complexidade presente nas narrativas literárias, que simultaneamente refletem e questionam pressupostos políticos da sociedade na qual se inserem (Zuckert, 1981).

Maureen Whitebrook (1995) também argumenta para o potencial na associação entre a literatura e a política. Afirma que as formas tradicionais de se relacionar os dois campos têm sido limitadas e meramente instrumentais, com o uso da literatura como exemplo ilustrativo teórico ou guia moral. Logo, destaca o recente movimento de compreender a literatura, em si

mesma, como uma teoria política; o valor do texto literário para a análise política. As obras literárias ilustram novas formas de se pensar sobre a realidade social, expandem as temáticas e os sujeitos envolvidos, propiciam um palco de reflexão sobre possíveis cenários e arranjos futuros, oferecem uma janela de observação para o “outro”, transpõem as barreiras do que é visto como político, e por fim, evidenciam a dimensão ética nos dilemas políticos, faceta tão frequentemente ignorada (Whitebrook, 1995).

Embora a literatura, em termos gerais, enfatize a dimensão subjetiva e psicológica dos personagens, também retrata relacionamentos interpessoais, inseridos em um contexto social específico, o que possui uma extensão política. A teoria política contemporânea se preocupa com a formação identitária, incluindo a gama de escolhas disponíveis para o sujeito. Nesse sentido, o romance moderno “sugere conexões entre o desenvolvimento da identidade e o reino político, a ligação entre identidade pessoal e o assumir de responsabilidades, incluindo a responsabilidade política” (Whitebrook, p.41, 2003). A ação política pressupõe reflexão sobre escolhas e possibilidades disponíveis, temáticas profundamente articuladas pela narrativa literária, que explora motivações, consequências e impactos de decisões na esfera pessoal e comunitária.

Assim, a obra literária demonstra que atingir o autoconhecimento é necessário para a compreensão do outro, o que por sua vez, é relevante para a teoria política. Colocar-se no lugar do “outro” não é apenas uma questão de empatia moral, mas politicamente crucial. Ademais, o crescente interesse das ciências humanas sobre os usos da “narrativa” na construção do campo teórico da área também contribui para o estreitamento entre a literatura e a análise política. (Whitebrook, 2003). Essa tendência é denominada “Virada Narrativa”, que reúne autores como Richard Rorty, Alasdair MacIntyre e Hayden White os quais expõem o caráter essencialmente narrativo no processo de compreensão, interpretação e ordenamento dos eventos da realidade.

Aprofundando-se nesse debate, Milan Babík contextualiza o impacto das teorias sobre narrativa na disciplina de Relações Internacionais, revelando que o discurso teórico da área se utiliza de técnicas poéticas e estratégias descritivas pertencentes ao campo da ficção para construir determinada imagem da realidade política. Sua abordagem é consonante com a ideia de que a narrativização dos eventos é um processo crucial para a interpretação da realidade política, que só é apreendida a partir de algum tipo de ordenamento ou estrutura, que não é inerente aos acontecimentos. Sendo assim, mesmo relatos factuais, baseados em evidências empíricas, contém uma faceta “ficcional”, seja de caráter estético, ideológico, moral (Babík, 2018).

Babík reconhece os avanços positivos que a abordagem estética proporcionou para a análise das Relações Internacionais, embora aponte lacunas na área, cujos trabalhos focalizaram em analisar expressões artísticas, mas não se debruçaram sobre os elementos estéticos presentes nas próprias teorias do campo. Importante frisar que as teorias narrativistas não negam a veracidade dos fatos relatados, nem mesmo o encadeamento lógico traçado entre eles. É óbvia a diferença essencial entre eventos empiricamente verificáveis e episódios imaginados. No entanto, essa lacuna não obscurece a semelhança no processo de composição narrativa. Ambos os tipos narrativos se empenham em estabelecer uma estrutura coesa com início, meio e fim; sempre refletindo determinados propósitos e intenções políticas (Babík, 2018).

Respalado por essas reflexões, Babík demonstra a importância da ficção para estudo das relações internacionais, que é declarada irrelevante pelo mainstream acadêmico da disciplina. Revelando paralelos entre a teoria e literatura, afirma que a última frequentemente apresenta em sua trama discussões significativas para teóricos da política mundial. Embora o trabalho não pretenda analisar extensivamente a Virada Narrativa e suas implicações para a produção teórica das RI; bem como os críticos dessa abordagem, considera relevante trazer à tona discussões na área que buscam traçar paralelos teóricos entre a análise política e a literatura (Babík, 2018).

Nesse contexto, vale apresentar as contribuições de Hanna Meretoja, cuja análise desenvolve uma moldura teórica para discutir a relação entre narrativa e ética. As narrativas contêm a possibilidade de tanto expandir ou reduzir nosso senso do que é possível, alargar ou estreitar os espaços de possibilidades que informam nossa forma de pensar, agir e compreender o mundo. Denomina sua abordagem “hermenêutica da narrativa”, já que considera narrativas como “práticas culturalmente mediadas de (re) interpretação da experiência” (Meretoja, p.23, 2017), e se propõe a examinar suas implicações éticas. A autora argumenta que as narrativas são capazes de: facilitar o autoconhecimento pessoal e cultural; promover um ponto de vista ético para a compreensão das experiências do outro; estabelecer e reinterpretar as narrativas “do meio”; ampliar a consciência para diferentes perspectivas, e de operar como um modo de investigação ética (Meretoja, 2017).

Seu prisma de análise vai além das principais teorias narrativistas, as quais entendem a narrativa como um processo posterior à experiência vivida, como um fio ordenador que perpassa conferindo estrutura aos eventos empíricos. No entanto, essa visão tradicional pode implicar um caráter distorcido da prática narrativa. Para a autora, a própria experiência já é mediada por tramas culturais narrativas que afetam o modo como se experiencia e interpreta

uma situação. A narrativa não é apenas uma moldura, mas uma prática cultural que é construída a partir de processos sociais mediados pela interação humana (Meretoja, 2017).

Nesse sentido, práticas narrativas podem ser empregadas tanto para propósitos negativos quanto positivos; como instrumentos de dominação ideológica ou veículos de incentivo para a reflexão crítica. Seu principal interesse consiste em explorar como as narrativas constituem parte da esfera ética na qual estamos incluídos, portanto, possuem a capacidade de estimular e fortalecer nossa agência ética. O ponto central é que as narrativas por si só não são inerentemente boas ou más, mas em que sentido elas ampliam ou diminuem a nossa noção daquilo que é possível. Nessa lógica, as narrativas literárias podem contribuir de significativo na reflexão sobre as complexidades éticas que envolvem o tecido narrativo do qual fazemos parte (Meretoja, 2017).

A tradicional dicotomia entre história e literatura negligencia um aspecto relevante para a nossa compreensão do mundo, que consiste no exercício de reflexão sobre aquilo que é possível. Geralmente, a pesquisa histórica é resumida ao encadeamento de fatos, eventos e ações concretas, referências verificadas por meio da observação e da investigação documental. No entanto, a realidade humana também é permeada por fatores intangíveis, constituída por sentimentos, experiências e significações, cuja compreensão exige exercício imaginativo intelectual (Meretoja, 2017).

As narrativas não apenas refletem a realidade, mas também contribuem na sua construção. Nesse sentido, o mundo cultural é moldado por práticas narrativas das quais somos inconscientes, mas que delineiam um espaço de possibilidades, onde determinadas experiências, percepções, e sensações são encorajadas, em detrimento de outras. Nesse sentido, a ficção pode estimular nossa capacidade de imaginar além do óbvio, e engendrar formas criativas de se refletir sobre outras formas de pensar, viver e sentir. A literatura oferece um palco para a exploração de questões éticas em toda a sua complexidade, sem a pretensão de conceber respostas definitivas, enriquecendo nossa imaginação para novas formas de compreensão e reflexão sobre a realidade social (Meretoja, 2017).

3. O REALISMO MÁGICO SOB A ÓTICA DA TEORIA PÓS COLONIAL

3.1. O “Entre Lugar” do Realismo Mágico

A primeira menção ao termo “realismo mágico” foi realizada pelo crítico de arte alemão Franz Roh em um ensaio de 1925, para caracterizar um novo estilo de pintura expressionista, que resgatava elementos da tradição realista. Contrário à acepção moderna do termo, Roh elogia o retorno para a representação figurativa do objeto, mediante uma crítica ferrenha aos “exageros” da tendência expressionista (Zamora; Faris, 1995). No texto, Roh celebra a sobriedade da representação de objetos mundanos, mas não rejeita os traços de espiritualidade legados pela pintura expressionista. Para ele, o objetivo seria capturar o “mistério” que existe subjacente ao mundo material, sem recorrer às técnicas disruptivas do movimento anterior (Roh, 1925). Seu ensaio foi traduzido para o espanhol e publicado pela *Revista de Occidente* em 1927 (Zamora; Faris, 1995).

Outro uso do conceito de “realismo mágico” também foi mencionado pelo crítico italiano Massimo Bontempelli em seu diário em 1926, embora aparentemente ignorante do uso prévio por Roh, no qual expressa um desejo por um estilo de arte que respeitasse o passado e o presente, e que se preocupasse em retratar os milagres da vida comum. Curiosamente, Bontempelli pode ter exercido influência indireta sobre Alejo Carpentier e Miguel Ángel Asturias, autores precursores das obras de realismo mágico latino-americano, por meio de um amigo em comum, o venezuelano Arturo Uslar Pietri, que colaborou com Carpentier e Asturias durante a estadia de ambos em Paris na década de 1920 (Warnes, 2009).

Nenhum deles se aprofunda na análise e definição do termo, que passou a ser associado à produção literária da América Latina a partir da década de 1940. É Uslar Pietri que primeiro registrou o termo “realismo mágico” em seu livro *Letras y hombres de Venezuela*, para descrever contos venezuelanos dos anos 30 e 40 (Iegelski, 2021). Mas é a obra do cubano Alejo Carpentier, “O Reino deste Mundo” (1949) que é amplamente considerada um marco inicial da tradição do realismo mágico, caracterizada por um relato ficcional da Revolução Haitiana mesclado com elementos sobrenaturais baseados em crenças afro-caribenhas que potencializam a força narrativa da história (Warnes, 2009).

No entanto, é no prólogo de sua obra que Carpentier cunha o termo “real maravilhoso”, que foi amplamente divulgado na cena literária da época. Para o escritor, a experiência da América Latina, tão plural, extraordinária e diversa, só poderia ser expressa por meio do maravilhoso, visto que esse é o caráter inerente do continente, onde o estranho sempre fez

parte da realidade cotidiana. Além disso, também criticou o surrealismo europeu por suas técnicas artificiais e esterilidade temática, e afirma que o fenômeno do maravilhoso² só poderia ser atingido por meio da fé, elemento fortemente presente na história latino-americana (Carpentier, 1949).

Ampliando a linha de pensamento de Carpentier, o ensaio de Ángel Flores, “Realismo Mágico na América Espanhola” (1955) elogia um movimento de renovação da produção literária latino-americana, o qual denomina “realismo mágico”, e define pela fusão entre realismo e fantasia. Em uma das primeiras tentativas de estabelecer uma análise teórica sobre o gênero, Flores considera a obra “História Universal da Infâmia” (1935), do escritor argentino Jorge Luís Borges, como marco inaugural dessa nova fase literária. Também traça a influência de Kafka na ficção borgeniana, apontando paralelos semelhantes na incorporação de elementos irrealis na realidade cotidiana dos personagens. Além disso, elogia a precisão temática e qualidade estilísticas das obras, que não recaem em lirismos desnecessários, o que sustenta sua argumentação de que o realismo mágico se “apega” à realidade para evitar que o texto se distancie muito do real, como em um conto de fadas (Flores, 1955).

Flores conclui que o realismo mágico marca uma expressão literária genuinamente latino-americana, região conhecida pela incessante busca por uma identidade cultural (Flores, 1955). Nas primeiras reflexões sobre o gênero, é evidente a forte correlação cultural estabelecida entre o realismo mágico e a realidade da América Latina, como um modelo narrativo adequado para retratar a singularidade da formação histórica, cultural e social da região. Em uma crítica posterior à Flores, Luís Leal (1967) denuncia a falta de uma delimitação do movimento e também discorda de suas supostas raízes em Borges. Para ele, o realismo mágico não corresponde à literatura fantástica, visto que seu objetivo não é a criação de mundos imaginários ou absurdos. Representa, por outro lado, uma atitude em relação à realidade, um desejo de descobrir o mistério implícito na vida humana, o que remete à noção aplicada por Franz Roh (Leal, 1967). Embora tente desvincular o gênero da literatura fantástica, o ensaio de Leal não se aprofunda sobre o papel do “sobrenatural” ou do “mágico” nas obras citadas.

Em acréscimo, considera-se indispensável apresentar a análise da pesquisadora brasileira Irlemar Chiampi (1980), cujo estudo propôs a substituição do termo “mágico” por “maravilhoso”, tanto por já ser um termo consagrado na esfera literária quanto por remeter à

² Importante ressaltar que Carpentier cita a confusão conceitual em relação ao termo “maravilhoso”, mas propõe uma definição ampla na qual se refere não apenas a algo que é “bonito” ou “adorável”, mas sim aquilo que é “estranho”, “incrível” (Carpentier, 1949, p. 101).

expressão do “real maravilhoso” cunhada por Carpentier. Segundo a autora, a concepção do escritor cubano conseguiu conciliar o “maravilhoso” com uma forma específica de percepção da realidade, mas também como um elemento constitutivo desta. Em sua interpretação idealizada da América, enfatizou que a peculiaridade de sua formação histórica não poderia ser compreendida apenas por uma lógica racional. Embora a atribuição de “maravilhoso” à realidade latino-americana possa ser problematizada, ainda sim fez parte do discurso de valorização da identidade regional. No entanto, não é totalmente desvinculada do referencial europeu, ainda fonte de comparação, e também pelas conotações históricas do termo, as quais ecoam a retórica dos primeiros relatos europeus sobre a América (a “maravilha”). Chiampi aponta que essa discussão reflete uma dinâmica particular das culturas periféricas em relação à metrópole:

A noção de diferença, que subjaz à predicação do maravilhoso à realidade americana, traduz certamente a dependência do estereótipo colonial que erigiu e manteve a nossa sujeição, impondo uma estrutura social maniqueísta, de oposições raciais, culturais e religiosas absolutas. Por outro lado, o desejo de capturar as essências mágicas da América conleva uma função desalienante diante da supremacia europeia, quando exalta a americanidade como valor antitético desta e se oferece como possibilidade de superação dialética dos enfoques redutores das culturas aos traços acidentais (Chiampi, 1980, p 38-39).

Em sua teorização sobre o realismo maravilhoso, Chiampi o difere do fantástico, cujo principal efeito consiste em suscitar o medo e a inquietação no leitor. Por sua vez, o realismo maravilhoso não provoca qualquer tipo de dúvida, estranhamento ou resistências aos eventos extraordinários, já que são integrados na probabilidade interna da narrativa. Assim, o texto gera uma reação de encantamento diante de uma perspectiva que não estabelece uma dicotomia fixa entre o real e o irreal, e harmoniosamente combina as duas lógicas na narrativa, na qual o maravilhoso se torna real, e vice-versa (Chiampi, 1980).

A canadense Amaryll Chanady também apresenta um ensaio elucidativo sobre a temática, no qual examina as primeiras definições de Carpentier, Flores e Leal. Chanady sugere que o histórico de superioridade européia, suscitou, por parte dos intelectuais latino americanos, questionamentos sobre a validade e legitimidade da racionalidade ocidental, o que resultou na problematização dos pilares que sustentavam essa suposta hierarquização cultural. É nesse contexto, que é preciso situar essas práticas literárias (Chanady, 1995).

Ao examinar o texto de Flores, Chanady nota que havia um desejo de legitimar a literatura latino-americana, a qual merecia validação por sua renovação literária, e não mais estaria em um patamar inferior à literatura européia. Além disso, sua argumentação é contraditória, visto que, ao mesmo tempo que atribui, ainda que indiretamente, origens

europeias para o surgimento do realismo mágico (por meio da influência kafkiana em Borges), o identifica como uma expressão “genuinamente latino-americana”. O seu discurso é baseado em uma retórica dupla na qual se mesclam o anseio por uma identidade cultural própria com a vontade de reconhecimento por parte da metrópole. A autora denomina essa análise de “Territorialização do Imaginário”, na qual também inclui Carpentier, já que ambos subscrevem o realismo mágico como uma especificidade da América Latina (Chanady, 1995).

Chanady também observa que a definição de Flores é um indicativo das tradicionais formas de narração mimética, já que ele afirma que o realismo mágico não pertence a um domínio completamente fantástico, onde as leis naturais são subvertidas sem afetar nossa percepção de “realidade” do texto. Como a autora argumenta, a representação em textos do realismo mágico desafia nossa percepção do real. Já ao examinar a definição de Leal, Chanady menciona a falta de uma delimitação clara entre o fantástico e o realismo mágico, mas enfatiza que sua reflexão evidencia a inadequação no uso de parâmetros racionais para a compreensão de eventos ficcionais, e que Leal rejeita as limitações determinadas pela lógica racional (Chanady, 1995).

Por fim, a autora retorna para o texto de Carpentier, que também se contradiz ao negar a influência do surrealismo no “real maravilhoso”. Em sua crítica às ideias surrealistas, Carpentier via o movimento como uma reprodução da mentalidade “fria e cerebral” da Europa, em contraste com a fé vibrante latente na América Latina. Para a autora, sua obra, “O Reino do Mundo”, questiona o paradigma historiográfico dominante, baseado na empiria e no cientificismo, e introduz elementos que fogem da noção de “verdade” em termos racionais, mas que, para o escritor, produzem efeitos ainda mais efetivos (Chanady, 1995).

Em sua obra anterior, *“Magical Realism and The Fantastic – Resolved Versus Unresolved Antinomy”* (1985), Amaryll Chanady havia aprofundado sua discussão sobre o realismo mágico. Estabelece uma definição satisfatória para o termo, assim como soluciona a frequente confusão entre o realismo mágico e a literatura fantástica. Primeiramente, a autora esclarece a diferença entre a “fantasia” e o “fantástico” ao afirmar que o primeiro se constrói a partir de um mundo totalmente imaginário, onde a magia é considerada normal e plenamente aceita pelos personagens, enquanto o fantástico é produzido quando um elemento sobrenatural é apresentado em uma narrativa aparentemente realista (Chanady, 1985). A literatura de fantasia pertence ao reino do maravilhoso, ao passo que o fantástico pressupõe dois níveis distintos de percepção da realidade: aquele que corresponde ao mundo cotidiano regido pelas leis da ciência, e aquele povoado por uma lógica irracional, inexplicável. No fantástico, o sobrenatural é visto

como problemático porque questiona os pilares lógicos da narrativa, até então, semelhante à nossa. A introdução desse elemento estranho causa desconforto, perturbação e hesitação nos personagens, e até no leitor. No entanto, Chanady afirma que o ponto chave é a presença de uma antinomia, ou seja, a coexistência de dois códigos de realidade contraditórios, no qual o sobrenatural não é explicado de maneira racional (Chanady, 1985).

Já o realismo mágico consiste em um modo literário, que pode ser empregado em vários tipos narrativos. Dessa forma, Chanady menciona elementos frequentemente atrelados ao termo – como a presença de eventos fictícios, o resgate de histórias míticas/ indígenas, e a preocupação temática – mas enfatiza o que considera o aspecto definidor do realismo mágico: a reticência autoral, ou seja, a descrição não problemática do sobrenatural, mas sim realizada de forma direta, sem hesitação ou surpresa por parte do narrador. Assim, os dois códigos conflitantes da realidade ainda existem, mas essa contradição é integrada na narrativa. Ao apresentar diferentes percepções da realidade, o texto nos permite visualizar um retrato mais complexo do mundo (Chanady, 1985).

Outra contribuição interessante sobre o tema é a do crítico literário David Roas em seu livro “A ameaça do fantástico”, na qual concorda com a análise de Chanady sobre o tratamento não problemático do sobrenatural no realismo mágico. Para ele, os fenômenos são apresentados como se fossem ocorrências banais, cotidianas; o que causa um efeito de naturalização e persuasão da veracidade dos acontecimentos. Assim, a narrativa consegue “desnaturalizar o real e naturalizar o insólito” (Roas, 2014, p.30) e integrar as duas percepções na representação do mundo, sendo o romance “Cem Anos de Solidão” (1967) considerado um exemplo perfeito dessa narrativa (Roas, 2014).

Christopher Warnes, autor do livro “*Magical Realism and The Post Colonial Novel*” (2009), realiza um trabalho de ampla investigação acadêmica sobre o realismo mágico, no qual comenta e analisa os principais trabalhos situados na temática e concorda que a definição de Chanady é a mais completa, já que centraliza o aspecto da aceitação do sobrenatural. Como o real e o mágico são representados em um patamar de equivalência, nenhum deles reclama o status de “verdade” no texto. Logo, o autor comenta que o realismo mágico tem sido, e ainda é frequentemente lido como uma expressão artística pós-colonial, circunscrita à realidade da América Latina, como primeiro concebido por Carpentier (Warnes, 2009).

O acadêmico Stephen Slemon (1995) situa o realismo mágico como um tipo específico de discurso, que emerge das culturas pós-coloniais. Para ele, essa narrativa capta um conflito

dialético da linguagem que nasce após a interação entre duas culturas, entre aqueles códigos originários da língua local e aqueles que foram incorporados (voluntariamente ou não) da língua do colonizador. Logo, Slemon afirma que o realismo mágico pode representar uma resposta positiva e libertadora para a tradição colonial de fragmentação, supressão e marginalização, já que oferece um panorama mais complexo, imaginativo e multifacetado das sociedades pós-coloniais (Slemon, 1995).

Theo D’Haen (1995), em um ensaio investigativo sobre a relação entre o realismo mágico e as literaturas pós-modernas, nota que o termo se expandiu para designar obras fora da América Latina, como nos romances “As Crianças da Meia Noite”, do indiano Salman Rushdie, e “Foe”, do sul-africano J.M. Coetzee. Embora a pesquisa não se debruce sobre a discussão da pós-modernidade literária, o ponto crítico da reflexão do autor reside em sua visão sobre o realismo mágico como um tipo de narrativa que se inscreve em um lugar de “ex – centrismo”, a partir da margem, e, dessa forma, constitui uma prática que se apropria de técnicas oriundas “do centro”. Baseadas em um realismo correspondente à visão racionalista-empírica para recriar uma versão alternativa da realidade (D’haen, 1995).

Os editores da coleção “*Magical Realism – Theory, History and Community*” (1995) Wendy B. Faris e Lois Parkinson Zamora também compreendem o realismo mágico como uma narrativa literária internacional, embora tenha sido primariamente mobilizado por grandes expoentes da literatura latino-americana. Centralizam o aspecto da naturalização da “magia” nos textos do gênero, além de ressaltarem seu potencial ideológico por meio da criação de um espaço múltiplo, frequentemente baseado em crenças populares, que embora imbuídas de uma carga de misticismo, não são menos presentes na “realidade” do que os paradigmas racionalistas ocidentais que informam o realismo literário tradicional (Zamora; Faris, 1995).

Posteriormente, Wendy B. Faris se aprofunda na análise do realismo mágico em sua obra “*Ordinary Enchantments Magical Realism and the Remystification of Narrative*” (2004). Afirma que o gênero se tornou um fenômeno internacional, mas considera suas particularidades enquanto uma expressão literária especialmente relevante em contextos pós-coloniais. Sua abordagem concilia a investigação de técnicas literárias formais empregadas pelo gênero com a manifestação de aspectos culturais específicos. Embora não circunscreva o realismo mágico a uma prática necessariamente pós-colonial (delimitando um aspecto geográfico e/ou temático), compreende seu potencial como um tipo de narrativa desestabilizadora das formas dominantes

de escrita literária, na qual realidade e fantasia se mesclam em um movimento que reflete, em parte, o caráter híbrido de sociedades pós-coloniais (Faris, 2004).

Faris argumenta que o realismo mágico emprega um tipo particular de narrativa – denominada “desfocalizada” (no original *defocalized*) – na qual duas percepções distintas coexistem no plano textual, resultando em uma narração “desfocalizada”, ou indeterminada. A integração de elementos sobrenaturais a um relato aparentemente realista, baseado em descrições detalhadas do mundo empírico, cria um efeito desestabilizador na representação do real, questionando sua confiabilidade. Essa contradição, na qual a narrativa parece se situar na realidade empírica, mas não se aventura inteiramente na esfera do sobrenatural, cria um espaço do “*ineffable in between*” (Faris, 2004, p. 67), onde o mágico e o real coexistem. Paradoxalmente, a carga imaginativa dos eventos imaginários é intensificada, mesmo quando circundados por descrições da realidade material.

Em síntese, a autora identifica cinco principais aspectos presentes nas obras de realismo mágico: a indiscutível presença de um elemento “mágico”; descrições minuciosas baseadas no mundo fenomenal; certa hesitação inicial por parte do leitor em reconciliar eventos contraditórios; a junção narrativa entre os dois códigos distintos; e, por fim, um grau de desestabilização de ideais sobre o tempo, espaço e identidade. Faris também retoma a análise de Chanady sobre o papel chave exercido pelo narrador no processo de resolução da antinomia entre o real e o sobrenatural, incorporando-os no mesmo plano textual. Por outro lado, também afeta a percepção do “real”, muitas vezes enfatizando a natureza extraordinária e contraditória da própria realidade (Faris, 2004).

As obras comumente refletem sistemas de crenças opostas, geralmente situadas entre perspectivas tradicionais (às vezes, indígenas) e modernas, associadas à racionalidade ocidental. No entanto, é importante ressaltar que mesmo que o texto apresente crenças de sistemas culturais não ocidentais, ainda o faz a partir de técnicas do realismo. Até quando subverte categorias do real/imaginário estabelecidas pela tradição literária realista, essa ainda persiste na narrativa. Mas é justamente a combinação entre perspectivas oriundas de sistemas culturais distintos que confere uma posição limiar, fronteira. Nesse sentido, argumenta que o realismo mágico é culturalmente híbrido desde seu início, articulando questões entre o local e universal; europeu e americano; metrópole e colônia (Faris, 2004).

Faris também posiciona o realismo mágico em continuidade com o primitivismo modernista, ecoando uma fascinação por crenças culturais não científicas. Independente da

temática retratada, as narrativas geralmente evocam artifícios oriundos de outras vivências culturais. Dialoga diretamente com a concepção de Erik Camayd-Freixas, o qual compreende o realismo mágico como uma forma de “primitivismo literário” manifestado no contexto cultural da América Latina (embora também não se oponha à expansão internacional do gênero). Em seu livro, propõe uma análise formal e temática do realismo mágico mediante estudo comparativo entre quatro principais obras da literatura latino-americana (“O Reino deste Mundo”, “Homens de Milho”, “Pedro Páramo” e “Cem Anos de Solidão”), reconhecidas por sua relevância estética e histórico-literária (Camayd-Freixas, 1998).

Sob essa análise, o termo “mágico” remete à visão de mundo presente em sociedades “arcaicas”. Camayd-Freixas admite a carga potencialmente problemática no uso do termo “primitivo” e esclarece que não o emprega em sua conotação pejorativa e inferiorizante. No entanto, reconhece que a própria noção de primitivismo pressupõe a existência de um estágio mais “avançado” e que essa discussão ainda é articulada em referência à modernidade. Contudo justifica que a representação das crenças ancestrais nas obras analisadas não as reduz a um acessório narrativo “exótico” ou supersticioso; ao contrário, conferem validade à sua visão de mundo. Afirma que o realismo mágico explora textualmente a posição da América Latina situada na disputa entre diversas mentalidades: à europeia, nativa, e a terceira oriunda desse encontro (Camayd-Freixas, 1998).

Assim, as narrativas apresentam três características fundamentais: ponto de vista ideológico primitivo; uma convenção transcultural que apresenta visões alternativas para o real e o cotidiano; e a possibilidade de uma interpretação dupla, tanto a nível literal ou figurativo. A adoção de uma perspectiva primitiva também influencia na inclusão de elementos narrativos que cooperam na criação de uma atmosfera condizente ao imaginário “primitivo”: personagens extravagantes e exagerados; comunhão entre o natural e sobrenatural, o homem e a natureza; causalidade mística dos eventos; compreensão circular e mítica do tempo. Assim, o leitor se familiariza com os acontecimentos extraordinários à medida que os atribui a uma mentalidade externa, como parte da visão de mundo de uma sociedade alheia. No entanto, o autor enfatiza que a noção de “primitivo” que engloba essas narrativas é formulada a partir do que a convenção ocidental imagina ou associa à realidade dos povos nativos (Camayd-Freixas, 1998).

Examinando a análise de Camayd-Freixas, percebe-se que sua abordagem é demasiado reducionista, já que enfatiza excessivamente elementos extratextuais (a obrigação de um referente externo associado à uma cultura “primitiva”), excluindo obras que não se referem diretamente a um sistema cultural alheio, além de sugerir determinado conteúdo temático.

Entretanto, suas reflexões são relevantes para se pensar sobre a manifestação do realismo mágico no contexto latino-americano, e embora não apresente uma teoria de aplicação mais geral, ainda sim é significativo no estudo proposto das obras literárias citadas, entre elas “Cem Anos de Solidão”, a qual será explorada posteriormente. Em síntese, sua interpretação cristaliza o realismo mágico como uma expressão literária que soube especialmente articular as dinâmicas culturais, sociais e políticas da América Latina em um contexto colonial, no que tange as temáticas de identidade, alteridade e miscigenação.

Retornando ao argumento de Faris, as técnicas narrativas que compõem o texto desfocalizado do realismo mágico questionam a autoridade do realismo, consequentemente contestando os pilares da racionalidade empírica sob os quais se baseia. Nesse sentido, esse questionamento abre margens para outras formas de representação, nas quais englobam outras perspectivas além daquelas comumente retratadas pela ficção realista. Assim, consegue tecer uma narrativa transcultural que estabelece uma ponte entre diferentes modos discursivos e, embora não esteja livre de acusações sobre apropriação e comoditização de culturas indígenas, ainda consegue forjar um espaço de subversão ao paradigma europeu predominante.

A presente pesquisa não pretende esgotar as discussões do realismo mágico, visto que não é um gênero (ou estilo) literário de fácil definição e delimitação. Como apresentado, não existe um consenso sobre sua origem, principal característica e forma mais adequada de análise e interpretação. No entanto, destaca-se que todas as perspectivas apresentadas ressaltam o caráter dual do realismo mágico, e sua habilidade em conciliar duas visões opostas no corpo narrativo. Assim, tem sido considerado um gênero literário especialmente adequado para retratar os espaços de articulação entre dois ou mais sistemas culturais distintos, principalmente oriundos do encontro colonial. Logo, a próxima seção traça paralelos entre elementos chave dos estudos pós-coloniais com o realismo mágico e, particularmente, sobre sua emergência e posição na literatura latino-americana.

3.2. Uma ponte entre o Realismo Mágico e a Teoria Pós-Colonial

Os estudos pós-coloniais emergiram como um esforço intelectual dedicado a compreender a condição “pós-colonial”, resultante do processo generalizado de descolonização global e dismantelamento dos antigos impérios europeus no decorrer dos séculos XIX e XX. É uma tarefa complicada resumir a complexidade dos debates teóricos que permeiam o campo, marcado pela pluralidade de abordagens e perspectivas. Em diálogo com Gandhi (2018), o pós-colonialismo é um projeto acadêmico que busca revisar, relembrar e interrogar o passado

colonial, investigando a relação conturbada, antagônica e dependente entre colonizador e colonizado. Reconhece que as práticas coloniais não cessaram após o fim da ocupação colonial, indicando que a própria noção de “impacto colonial” carrega uma dupla conotação, referente ao seu processo inicial e à sua posterior difusão (Gandhi, 2018).

Para Aníbal Quijano (2007), a dominação política, social e cultural da Europa se espalhou por todos os continentes, forjando uma ordem mundial baseada em uma relação de subordinação entre as potências centrais (antigos colonizadores) e a periferia, em sua maioria, composta por nações colonizadas. O colonialismo estabeleceu um sistema de repressão cultural do conjunto de crenças, símbolos e formas de conhecimento dos povos subjugados. O processo de colonização do imaginário foi intensificado com a imposição de parâmetros culturais da metrópole, que visava fortalecer seus mecanismos de controle social. Assim, o modelo ideológico metropolitano tornou-se referência universal, atribuindo-se maior legitimidade e prestígio em detrimento às práticas locais (Quijano, 2007).

Nesse sentido, o paradigma intelectual europeu prescreveu uma estrutura baseada na antítese entre sujeito/objeto, posicionando-se no papel de sujeito dotado de razão e autoridade; enquanto o “outro”, constituído pelas sociedades externas aos limites da Europa, seria invisibilizado ou marginalizado na forma de uma construção objetificada. Embora a percepção, ou o mínimo reconhecimento, de outros arranjos culturais seja crucial para a criação de um contraponto de auto-referência – consolidado em termos como o “Ocidente” – na prática, esse fenômeno se concretizou de forma hierárquica, atribuindo um lugar inferior para as sociedades não europeias. Assim, sua posição se reduziria a um mero “objeto” de estudo ou dominação (Quijano, 2007).

Aprofundando-se nessa discussão, o célebre teórico Homi K. Bhabha (1998) afirma que a consolidação do discurso colonial é baseada na ideia de fixação da alteridade, ou seja, na representação do “outro” como uma categoria imutável, e ao mesmo tempo, replicada incessantemente, independente do contexto sócio-histórico. Essa ambivalência é presente nos processos de formação de estereótipos, instrumento central na reprodução de práticas discriminatórias. Assim, é capaz de articular uma “alteridade que é ao mesmo tempo objeto de desejo e escárnio” (1998, p. 106). O efeito desse discurso é justificar a posição subalterna do colonizado e, assim, validar a conquista e o domínio colonial. Paradoxalmente, a prática discursiva colonial relega o sujeito colonizado à uma posição de estranheza, de um “outro” sombrio e incompreensível, enquanto é capaz de capturá-lo e apreendê-lo (Bhabha, 1998).

Esse movimento assimétrico se manifestou claramente no processo colonial latino-americano e na própria constituição da ideia de América em oposição à Europa. Como enfatizado por Chiampi, o discurso sobre o continente americano foi permeado por uma retórica dupla: ora idealista (representada por visões da América como um reino de “maravilhas”; um paraíso isento de corrupções terrenas, em harmonia com o mundo natural; ou uma projeção utópica para o futuro) ora, e de modo ainda mais incisivo, inferiorizante, associada à barbárie, ao retrocesso e à degeneração social (Chiampi, 1980). Ambas modalidades subscrevem a realidade americana a estereótipos e generalizações simplistas e reducionistas, definidas a partir do olhar europeu.

Situada nesse contexto, a produção cultural latino-americana sempre enfrentou o dilema da busca pela própria identidade, mediante um esforço intelectual e político de compreender os impactos do processo colonial, sua complexa realidade e posição internacional. Para Chiampi, a resposta identificou “na mestiçagem o fator de autenticação de sua existência histórica” (1980, pag. 126). Assim, o caráter heterogêneo da América Latina passou a ser valorizado como o cerne de sua formação. Na expressão artística, o exercício de romper, deformar e problematizar os modelos e parâmetros europeus foi reconhecido e incorporado, e as características híbridas e as formas estilizadas foram adotadas e valorizadas, atribuindo um tom lúdico e paródico a grande parte das obras culturais. Assim, enfatiza o aspecto “antropofágico” da cultura latino-americana, que consome formas estrangeiras, mas não passivamente as replicam, as transformam, para melhor traduzir a realidade local (Chiampi, 1980).

É nesse contexto que o debate sobre o realismo mágico na literatura latino-americana se insere. Em um primeiro momento, essa renovação literária respondeu aos anseios identitários por independência, representatividade e originalidade. Nesse sentido, relembram-se as interpretações demasiadamente regionalistas de Carpentier e Flores, as quais buscam identificar o realismo mágico ou o “real maravilhoso” como fruto de uma expressão autenticamente latino-americana. Assim, é interessante resgatar as reflexões de Leyla Perrone-Moisés sobre a formação literária da América Latina. Para ela, devido ao processo de colonização, as literaturas latino-americanas já nascem a partir de uma tradição existente (a da metrópole) e logo são marcadas por uma incessante busca por identidade, em um movimento ambíguo de rejeição dos padrões estrangeiros e o desejo por validação externa (Perrone-Moisés, 1997).

Entretanto, Leyla argumenta que é impossível a realização de uma ruptura total com os parâmetros europeus, já que, mesmo que exista um projeto de libertação, ainda permanece uma relação indissociável entre o colonizador e colonizado, visto que a metrópole também é parte

constitutiva da identidade da colônia. Dessa forma, o nacionalismo literário na América Latina se deparou com o paradoxo de enfatizar aspectos locais/regionais, ao mesmo tempo que buscava se legitimar internacionalmente. Assim, a insistência em retratar a América Latina como uma região uniforme e homogênea, com uma cultura “essencialmente” própria, é um projeto equivocados, visto que não existe uma cultura “pura”, sem quaisquer influências estrangeiras (Perrone-Moisés, 1997). As interpretações de Flores e Carpentier falham nesse sentido, pois ambos se enganam ao definir o realismo mágico como uma expressão “genuinamente” latino-americana, visto que esse fenômeno não é possível, e tentativas de definições semelhantes, invariavelmente se esbarram em contradições internas.

Logo, Leyla defende um movimento de valorização da diversidade cultural, racial e étnica da América Latina, afirmando que a riqueza da região jaz na sua heterogeneidade (Perrone-Moisés, 1997). Silvano Santiago também contribui imensamente no debate sobre o local da produção artística latino-americana, afirmando que os conceitos de “pureza” e “unidade” são sistematicamente destruídos ao longo da história e desenvolvimento da região. Santiago cria o termo “entre lugar” para situar a posição do discurso latino-americano, que se constrói em um ambiente de troca cultural, em um constante movimento de assimilação e expressão. Esse local não designa uma posição transitória, mas sim característica da experiência colonial da região, a qual não é plenamente nem indígena, nem europeia, nem africana, mas sim, algo forjado a partir dessa miscigenação (ainda que violenta). Logo, Santiago sintetiza esse processo ambíguo do escritor latino-americano, entre a inspiração e transgressão dos valores da metrópole (Santiago, 2000).

Ainda nessa reflexão, Santiago enfatiza que na posição de sujeito colonizado é preciso que aprenda primeiro a falar a língua da metrópole para melhor combatê-la” (p.19, 2000); em uma dinâmica que não rejeita completamente a produção cultural importada do centro metropolitano, mas em contrapartida, não a absorve passivamente, em um mero exercício de cópia. Assim, o artista se familiariza com as técnicas artísticas da sociedade estrangeira, e posteriormente, realiza um movimento de revisão, reinterpretação e destruição do molde original. Dessa maneira, questiona seu status como um produto acabado, irreproduzível e inquestionável (Santiago, 2000). Nesse sentido, também compartilha a visão “antropofágica” da abordagem de Chiampi (1980), embora Silvano enfatize um aspecto político subjacente nessa prática, destacando a importância do movimento de reação que ressalte a diferença cultural, o dissidente e a insubordinação.

A própria conceituação do termo “real maravilhoso” (posteriormente adaptado para realismo maravilhoso) também ecoa, como já mencionado por Chiampi, os primeiros discursos europeus sobre o continente americano, os quais reúnem relatos deslumbrados (e assombrados) com a região descoberta, cujos referentes linguísticos são insuficientes para descrever a experiência, que adquire um tom quase místico (Chiampi, 1980). Como ressalta Santiago, o escritor latino-americano emprega as palavras de outro escritor no ato de escrita, e as remodela, atribuindo-lhes novos contornos. Assim, o adjetivo “maravilhoso” foi utilizado pela crítica latino-americana para exaltar a renovação estética do romance, e nesse caso, sob um ponto de vista local de autorreflexão e celebração da pluralidade cultural presente na América Latina

Vários autores discutidos mencionam que o realismo mágico não supera ou quebra totalmente os parâmetros realistas, que ainda são incorporados na narrativa. À primeira vista, a manutenção de uma tradição europeia poderia ser lida como um aspecto contraditório nas interpretações pós-coloniais do gênero, as quais tendem a ressaltar seu caráter subversivo. Não seria incoerente articular uma crítica ao paradigma dominante, ao mesmo tempo que parcialmente se insere ele? Entretanto, como discutido acima, é impossível desvincular-se totalmente dos códigos do colonizador, e escrever a partir de uma perspectiva “nativa” intacta. Retomando-se Leyla (1997), até mesmo a língua da produção literária é oriunda da metrópole. Inevitavelmente, a escrita partirá desse local que é ambíguo, permeado pelas mais diversas vozes, por vezes dissonantes entre si.

Bhabha também teoriza sobre o processo de formação cultural em contextos coloniais, empregando o conceito-chave de “hibridismo”. Afirma que embora o discurso colonial se baseie na fixação de dicotomias, na prática, o encontro entre dois sistemas culturais distintos é marcado por deslizamentos, desencontros e transbordamentos, no qual a cultura do colonizador e a do colonizado interagem entre si em uma dinâmica complexa. Nega qualquer tipo de pureza cultural, afirmando que todas as identidades (inclusive a dominante) se constituem a partir desse processo. É justamente nesses espaços, denominados “entre lugares” nos quais são articulados os domínios da diferença cultural. Esse hibridismo demarca um local fronteiro, uma zona de intersecção, no qual se desafia as noções tradicionais de superioridade e primazia cultural. Assim, esse “Terceiro Espaço” constitui um local propício para as dinâmicas de interação e negociação cultural, a partir do qual é possível emergir novas formas de significação e resistência (Bhabha, 1998).

Estabelecendo um diálogo entre o realismo mágico e os conceitos de “hibridismo” e do “entre-lugar”, observa-se que sua gênese literária também se situa em uma espécie de fronteira,

um espaço no qual coexistem dois códigos de representação da realidade, sem que haja uma hierarquização da dicotomia entre o real e o mágico. Assim como Zamora e Faris descrevem:

A propensão dos textos do realismo mágico em admitirem pluralidade de mundos significa que frequentemente eles se situam em um território limiar entre esses mundos, em regiões fenomenais e espirituais onde a transformação, a metamorfose e a dissolução são comuns [...] (ZAMORA; FARIS, 1995. p.6. tradução minha).

Como ressaltado pelos teóricos literários citados, essa expressão literária frequentemente modifica, experimenta e reinventa as formas convencionais da narrativa realista, apresentando perspectivas inusitadas e iluminando visões marginalizadas, as quais passariam despercebidas por um olhar racional e pragmático. Os eventos extraordinários narrados, justamente por seu caráter insólito, conseguem representar crenças e modos de vida locais; retratar temáticas sensíveis; negligenciadas ou consideradas “proibidas” pela retórica dominante; e revisitar situações históricas, permitindo novas vias interpretativas para além do discurso oficial. Assim, conseguem ressaltar aspectos paradoxais e contraditórios da própria realidade social e política, que muitas vezes é mais absurda do que a ficção.

Em última análise, ressalta-se que a crescente popularização do realismo mágico, fora dos limites do território latino-americano, também reforça esse movimento dinâmico da interação cultural, especialmente por consistir em uma manifestação literária oriunda de uma região colonizada que se infiltrou na produção artística da metrópole. Em um artigo recente, Tutan (2016) traça a influência que o realismo mágico latino-americano exerce sobre a ficção britânica contemporânea, principalmente em obras com temáticas pós-coloniais. Assim a “linguagem do senhor se hibridiza” (Bhabha, 1998, p. 62), movimentando a incessante dinâmica da interação cultural. Entretanto, não é possível ignorar que a cultura metropolitana ainda permanece em uma posição privilegiada, principalmente por vincular-se ao maior poderio econômico e político. Dessa maneira, não se pretende apresentar uma visão simplista e demasiado otimista sobre esse processo. Pelo contrário, ressalta-se que a narrativa do realismo mágico permite um espaço interessante para a exploração de conflitos que permeiam o processo colonial.

4. ANÁLISE DA OBRA “CEM ANOS DE SOLIDÃO”

A célebre frase inicial do romance “Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou para conhecer o gelo” (Márquez, 1967, p.7)³ já prepara o leitor para seu caráter inventivo, cujo conteúdo antecipa temáticas relevantes para a narrativa: o papel da memória, a não linearidade do tempo, o jogo textual entre moderno e arcaico. A obra retrata as inúmeras desventuras da geração dos Buendía ao longo de mais de um século, ambientadas na fictícia cidade de Macondo, cuja origem, ascensão e queda também paralela o destino da família. O núcleo inicial se concentra em José Arcádio Buendía e Úrsula Iguarán, os quais integram uma expedição em direção “à terra que ninguém havia prometido” (p.30), fugindo do remorso angustiante que atormentava o patriarca pelo assassinato de Prudêncio Aguilar, morto em uma espécie de duelo de honra na vila anterior. Assim, o casal participa da fundação do vilarejo de Macondo, posteriormente gerando três filhos: o primogênito José Arcádio, Aureliano e Amaranta.

Macondo é um vilarejo simples de casas rudimentares à beira de um rio, informalmente liderado por José Arcádio Buendía, cujas empreitadas organizam e distribuem igualitariamente os recursos naturais disponíveis na região, tornando-a um lugar próspero, feliz e “onde ninguém tinha morrido” (p.16). A narrativa confere um tom quase místico ao povoado, como se habitasse em uma esfera atemporal, idílica e utópica, até mesmo intocada pela morte. Também não é possível ignorar as alusões bíblicas ao livro de Gênesis e ao Jardim do Éden, reforçadas por passagens que ressaltam o isolacionismo de Macondo e o estado “recente do mundo”. Esse estágio inicial é perturbado pela chegada dos ciganos, protagonizados pela figura misteriosa de Melquíades, responsáveis por causar alvoroço no vilarejo com a apresentação de inventos “modernos”, como o imã, a lupa e a luneta, até então desconhecidos pelos habitantes. A partir desse momento, o patriarca abandona os planos de melhoria para a vila, passando a se dedicar a projetos pessoais extravagantes, deslumbrado pelas engenhocas exibidas pelos ciganos.

Assim, a utopia de Macondo é maculada pela inexorável chegada da “modernidade”, aspecto enfatizado pela perda da mentalidade comunitária e social de José Arcádio Buendía para um espírito empreendedor individualista. Esse primeiro encontro também ecoa os primeiros contatos entre europeus e indígenas na América Latina, mimetizando o assombro

³ Ao longo do capítulo, optei por omitir a referência ao autor e a data de publicação nas citações diretas retiradas do romance “Cem Anos de Solidão”, para evitar a repetição.

inicial dos nativos com as novidades trazidas pelos invasores. Por outro lado, o trecho “o mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome” (p.7) parece aludir à carência de vocabulário europeu na compreensão do “Novo Mundo”. Assim, é possível a leitura de Macondo como um microcosmo da América Latina, parte de uma narrativa alegórica satírica do processo de (neo) colonização. Além disso, existem referências textuais que mencionam diretamente a invasão europeia na região: a descoberta de um galeão espanhol abandonado; a presença da pirataria na figura de Sir Francis Drake; a instalação de multinacionais no início do século XX, principalmente em alusão à United Fruit Company. Esses episódios situam o romance na realidade histórica latino-americana, apesar da voz narrativa adquirir por vezes um tom quase fabular (Camayd-Freixas, 2022).

Aprofundando-se na análise dos aspectos históricos retratados no romance, a tese de Michele Márcia Cobra Torre (2017) destaca que Márquez contextualiza elementos da história colombiana e latino-americana na vivência e no cotidiano dos personagens, enfatizando a percepção dos eventos sob a ótica das pessoas comuns. A referência aos ataques do pirata Francis Drake é mencionada para justificar a mudança da família de Úrsula para outro povoado, longe do mar, já que sua avó teme a proximidade com as práticas de pirataria. É assim que as famílias Iguarán e Buendía passam a se conhecer, ou seja, o episódio da invasão do pirata inglês se torna parte da memória familiar (Torre, 2017). Retomando Philip Darby, o romance literário consegue costurar elementos de relevância política e social no tecido narrativo dos personagens, conferindo um caráter mais pessoal a eventos históricos.

Além disso, a própria viagem de desbravamento realizada por José Arcádio Buendía, Úrsula e seus amigos para a fundação de um novo povoado também remete às políticas de povoamento das colônias espanholas e portuguesas na América, cujo direito de posse era assegurado pela ocupação territorial. O local é descrito como uma terra virgem, inexplorada; mas em um processo inverso da colonização, os personagens são oriundos do interior do continente, e não conseguem encontrar o mar, estabelecendo-se no meio do caminho da travessia da serra. Também existem diversas referências textuais à presença de povos indígenas na região (Torre, 2017).

Em conversas com Mário Vargas Llosa em 1967, registradas no livro “ Duas solidões: Um diálogo sobre o romance na América Latina”, em edição compilada por Luís Rodriguez Pastor, Gabriel Garcia Márquez declara que sua escrita sempre parte de experiências pessoais, seja fruto de um ato consciente ou inconsciente de resgate. Logo, é possível estabelecer paralelos entre a vida do escritor e sua obra. Márquez nasceu em 1927 na pequena cidade de

Aracataca, onde viveu até os nove anos de idade na casa dos avós maternos Tranquilina Iguarán e o Nicolás Márquez Mejía, coronel veterano da Guerra dos Mil Dias, disputada entre os anos de 1899 e 1902. Seus primeiros anos de vida foram permeados pelas histórias extraordinárias contadas pela avó e os relatos testemunhais do avô. Assim, o escritor admite a correspondência existente entre a fictícia Macondo e Aracataca, fonte de inspiração para diversos episódios narrados (Martin, 2009).

As marcas de oralidade são perceptíveis na obra, e Márquez afirma que inspirou seu estilo narrativo nas formas de contar histórias de sua avó, que descrevia eventos sobrenaturais com o mesmo tom impassível e natural com o qual relatava passagens cotidianas (Márquez, 1967). Além disso, a grande variedade de pessoas que circulavam a casa de sua primeira infância, desde migrantes oriundos de outras regiões do Caribe até a presença de criados indígenas, também contribuiu para o enriquecimento cultural de seus primeiros anos, situado em um contexto social de múltiplas influências. Em um breve estudo sobre a presença do legado ameríndio na obra, Juan Moreno Blanco (2022) argumenta que é possível reconhecer elementos da tradição narrativa oral dos povos Wayúu⁴ na construção do imaginário do romance.

A cosmovisão tradicional desses povos indígenas é marcada por uma lógica xamânica que compreende o mundo em dois hemisférios complementares: o natural e o sobrenatural. A figura do xamã é a responsável, embora não a única, por estabelecer uma ponte entre as duas dimensões. A língua e as histórias dos povos Wayúu refletem essa inter-relação, onde o sobrenatural se manifesta no natural, integrando realidade e irrealidade, e por fim, subvertendo o tempo histórico humano para conectar-se ao tempo mítico. Essas práticas se manifestam em crenças como: a presença dos mortos entre os vivos; na comunicação com o mundo sobrenatural através dos sonhos, e na adivinhação do futuro. Assim, é possível apontar influências em diversos momentos da narrativa: os piratas que assombravam os sonhos da avó de Úrsula; a constante aparição de Prudêncio Aguilar do reino dos mortos; e as alusões à capacidade de alguns personagens em prever o futuro, manifestada nas visões proféticas de Aureliano Buendía e leitura do baralho de Pilar Ternera (Blanco, 2022).

Para Blanco (2022), Márquez adotou um estilo literário que conseguiu representar adequadamente a história colombiana, utilizando-se de uma abordagem estilística que entrelaça o real e o irreal de maneira indistinta, integrando o sobrenatural ao cotidiano, similar às

⁴ Etnia indígena presente na maior parte do território da Venezuela e parte do extremo norte da Colômbia, especialmente na península de La Guajira (ACNUR, 2024).

tradições narrativas ameríndias. No entanto, quando questionado sobre sua produção literária, o autor se considerava um escritor realista, já que para ele, a realidade da América Latina é permeada por eventos extraordinários, até mesmo inacreditáveis, mas que devem ser integrados à literatura. Assim, argumento que Márquez se utiliza de estratégias ficcionais que fogem da narrativa realista tradicional para transmitir a pluralidade étnica e cultural da América Latina, cuja realidade social não pode ser apreendida apenas por referentes empírico-rationais. Logo, tanto o conteúdo quanto a estilística do romance refletem esse espaço híbrido a partir do qual ele emerge.

Analizando o ponto de vista narrativo do romance, Camayd-Freixas argumenta que Márquez consegue convergir modos discursivos dissonantes entre si: tanto em referência a gêneros literários como as lendas, fábulas e os mitos, expressa nos episódios de aceitação de eventos insólitos e na presença de um tom profético do narrador – demonstrado no frequente uso de frases no futuro verbal, como “muitos anos depois” e “haveria de” –, quanto em sua habilidade de posicionar a história em uma realidade familiar ao leitor, ressaltando a interferência de aspectos historiográficos na obra. Assim, o narrador onisciente consegue adotar o ponto de vista dos personagens, estreitando a lacuna existente entre o leitor moderno e o mundo “arcaico” retratado, conferindo autoridade narrativa ao autor. O realismo mágico se enriquece com o contraste entre o moderno (Ocidente) e o Outro (constituído por sistemas de crenças não ocidentais), apoiando-se nelas para convidar o leitor a enxergar por outra perspectiva (Camayd-Freixas, 2022).

Resgatando a definição de Wendy B. Faris (2004) sobre as narrativas do realismo mágico, a obra além de apresentar verossimilhança entre os códigos do real e do sobrenatural, também subverte a expectativa de linearidade temporal. O narrador parece habitar simultaneamente o passado, presente e futuro, revelando de antemão acontecimentos vindouros. Torre (2017) identifica a presença do tempo mítico, cíclico e histórico ao longo da narrativa. Para ela, o tempo mítico está estreitamente relacionado com o processo de fundação de Macondo, marcado pelo espectro da relação incestuosa⁵ entre o casal fundador. A presença do tempo cíclico se manifesta nas gerações da família Buendía, condenada a replicar os mesmos vícios e obsessões ao longo da narrativa, tema enfatizado pela constante repetição dos nomes Aureliano e José Arcádio. Até mesmo Pilar Ternera nota esse fenômeno: “[...] a história da família era uma engrenagem de repetições irreparáveis, uma roda giratória que teria continuado

⁵ As famílias de José Arcádio Buendía e Úrsula Iguarán eram relacionadas, e os dois eram primos.

dando voltas até a eternidade [...]” (, p.425). Por fim, também aponta a presença do tempo histórico no romance, ou seja, considera a presença e a atuação dos personagens inseridos em uma estrutura temporal superior, a “História”. Assim, as diferentes concepções temporais se entrelaçam magistralmente na narrativa, coexistindo textualmente diferentes modos de percepção sobre a passagem do tempo, tanto ancestral quanto moderna (Torre, 2017).

Como já mencionado, o tom narrativo escolhido pelo escritor evoca a atitude impassível de sua avó como contadora de histórias. Assim, resgato as análises de Faris (2014) e Chanady (1985) sobre a importância da reticência autoral no retrato de eventos insólitos na narrativa, cuja naturalização e falta de surpresa quebram as expectativas iniciais dos leitores, mas que, eventualmente, também passam a aceitar (e a se maravilhar) com a integração do plano sobrenatural na realidade. Deste modo, passagens como a levitação do padre Nicanor; a chuva de flores amarelas no enterro de José Arcádio Buendía; e ascensão de Remédios, a Bela, aos céus, não são percebidas com assombro ou espanto pelos personagens. Além disso, o relato desses episódios é sempre envolto por descrições detalhadas e minuciosas de aspectos cotidianos e até pragmáticos, o que estabelece coesão entre os dois códigos opostos de representação. Assim, como apontado por Faris (2014), essa particularidade na narração dos eventos insólitos facilita a aceitação do leitor e colabora para a junção textual entre o reino sobrenatural e natural.

Em contrapartida, objetos e fenômenos comuns ao leitor moderno (gelo, lupa, imã, luneta, dentadura, e posteriormente, a instalação de um cinema) são recebidos com choque, surpresa e fascinação pelos personagens; já que representam a invasão de elementos do mundo externo, sustentados por uma lógica racional-empírica distinta da visão de mundo predominante. A tensão entre moderno e ancestral permeia toda a obra, inicialmente expressa na insatisfação do patriarca José Arcádio após o contato com as invenções apresentadas por Melquíades “Ali mesmo, do lado de lá do rio, existe tudo o que é tipo de aparelho *mágico*, enquanto nós continuamos vivendo feito burros” (grifo meu, p. 15). Embora o patriarca julgue positivo o progresso tecnológico; na prática, a imposição de valores e sistemas alheios perturba a organização social de Macondo, fenômeno que se intensifica ao longo do livro. Ainda, ressalto que o uso da palavra “mágico” nesse contexto reverte as categorias pré-estabelecidas do leitor moderno sobre o que é considerado magia, já que, do ponto de vista local, os artifícios estrangeiros é que são considerados extraordinários.

Para Faris, as descrições de objetos comuns como algo extraordinário fazem com que os leitores vislumbrem perspectivas alternativas de compreensão da realidade. Deste modo, as

noções tradicionais de verdade e ficção, normalidade e estranheza, são questionadas. Além disso, a profusão textual de hipérboles, paradoxos e exageros também expandem o senso de realidade e potencializam a liberdade criativa da narrativa, que se desprende de constrangimentos impostos pela tradição realista. Assim, a abordagem estilística do escritor preza por uma prosa rica, evocativa e que detalha as cenas além do esperado ou exigido, contribuindo para o sentimento de encantamento que permeia a obra. Situando a obra no contexto de emergência do realismo mágico na América Latina, Faris argumenta que a valorização da cultura local descentraliza a autoridade textual que vêm de fora, e enfatiza o caráter híbrido do seu local de origem. As fronteiras em Macondo são fluidas, permitindo a interação entre diferentes espaços, como a selva e a aldeia, o oceano e o pântano, e até mesmo entre o mundo dos vivos e dos mortos. Essa permeabilidade simboliza a efervescência cultural e a coexistência de múltiplas realidades (Faris, 2014).

Um dos episódios mais emblemáticos do romance é a ocorrência da “peste da insônia”, descrita como uma epidemia de insônia que afeta os habitantes de Macondo, acarretando na perda progressiva da memória. O fenômeno é introduzido na narrativa a partir da chegada dos indígenas Guajira, Visitación e seu irmão Cataure, que fugiam dos efeitos da peste que afetavam sua tribo nativa. Inicialmente, os moradores são acometidos pela falta de sono, e logo passam a sentir saudades de sonhar. A importância dos sonhos é um símbolo recorrente no romance, o que ecoa elementos da tradição ameríndia. Em uma atitude inesperada, os personagens buscam racionalizar a epidemia, tratando-a como um vírus passível de explicações naturais. No entanto, os efeitos mais invasivos começam a aparecer meses depois, manifestados no esquecimento gradual dos objetos, da identidade e do próprio passado. É Aureliano Buendía que elabora um artifício para combater as falhas da memória: a inscrição dos nomes e funções dos objetos em etiquetas de identificação. Assim, o narrador admite o poder das palavras como ferramenta de captura da realidade, embora em última instância, uma ferramenta falha: “[...] continuaram vivendo em uma realidade escorregaria, momentaneamente capturadas pelas palavras, mas que fugiria sem remédio quando fosse esquecido o valor da letra escrita (Márquez, p. 56) ”.

Lorna Robinson (2006) interpreta a peste da insônia sob uma perspectiva histórico-cultural. Em uma alegoria historiográfica, a epidemia pode ser compreendida como uma referência ao apagamento cultural perpetrado pela colonização espanhola, já que a peste possui conexão direta com Visitación e Cataure, que podem ser vistos como personagens perdidos e deslocados, cuja identidade foi perdida após a destruição da sua comunidade. Além disso, também funciona como uma alusão às doenças transmitidas pelos colonizadores, contra as quais

a população nativa não tinha imunidade. Assim, os elementos mágicos da obra são contrapostos com a realidade “surreal” vivenciada pelos povos autóctones, em um processo violento de assimilação cultural. Lorna argumenta que o papel da memória é ressaltado pela narrativa, visto que a principal ameaça representada pela peste é a perda da memória da história e cultura de uma comunidade, pilares da formação psicológica e social do indivíduo (Robinson, 2006).

Retornando a interpretação sócio-histórica de “Cem Anos de Solidão” como uma metáfora para o desenvolvimento latino-americano, após o estabelecimento inicial de Macondo, autoridades e instituições “oficiais” chegam ao povoado, representadas na figura do alcaide Dom Apolinar Moscote. Segundo Torre (2017), essa invasão pode ser lida como uma referência à criação dos Estados nacionais na América Latina. O romance retrata o embate entre o recém-chegado e José Arcádio Buendía, líder local, que contraria uma ordem do governo central que exigia que as casas fossem pintadas de azul, em comemoração à Independência nacional. O patriarca argumenta que o vilarejo havia sido organizado pelos próprios moradores, e as possíveis melhorias haviam sido implementadas conforme o necessário, sem ajuda externa. Como expresso na passagem:

Não se queixou de que o governo não os tivesse ajudado. Ao contrário, estava contente porque até aquele dia os deixaram crescer em paz, e esperava que continuassem deixando, porque eles não tinham fundado um povoado para que o primeiro que chegasse fosse logo dizendo o que deveriam fazer (p. 66).

William Flores (2022), cuja análise interpreta o romance sob uma ótica teórica eco-política, aponta que esse trecho exemplifica práticas abusivas de autoridades centrais sobre comunidades minoritárias locais, principalmente na tentativa de fixar regras arbitrárias que não refletem os interesses da própria população. Assim, o texto defende a manutenção do direito de autodeterminação, visto o sucesso que haviam obtido até então (Flores, 2022). Em acréscimo, também observo que a atribuição de liderança ao patriarca da família não é obtida por meio da imposição de uma atitude autoritária e imperiosa, mas sim em reconhecimento de suas ações positivas em prol do coletivo.

Esse episódio marca o início da presença de questões políticas estatais no povoado, que logo depois testemunha as eleições entre o partido liberal e conservador, cujo resultado é fraudado por Moscote. Com a ocupação violenta do exército nacional no vilarejo, os habitantes se sentem alienados e desconectados com os distúrbios políticos do governo central, o que ressalta que a iminência do conflito era ignorada pela maior parte da população. Após testemunhar o assassinato violento de uma mulher pelas mãos dos soldados, Aureliano decide entrar na guerra pelo lado liberal, tornando-se o célebre Coronel Aureliano Buendía. As

inúmeras batalhas travadas pelo personagem possuem correspondência historiográfica, tendo sido inspirado na personalidade real do comandante Rafael Uribe Uribe (Torres, 2017).

Contextualizando o panorama político da época, no início do século XX, a Colômbia era um país com menos de 5 milhões de habitantes, controlado por uma elite minoritária proprietária da maior parte das terras cultiváveis. A Guerra dos Mil Dias havia sido o último e mais devastador conflito de uma série de disputas entre liberais e conservadores que arrasaram o país durante as primeiras décadas após a Independência em 1819. Apesar da assimetria de forças entre os dois lados, já que o governo conservador detinha superioridade de homens e recursos, o conflito se arrastou por três anos, deixando o país fragilizado e empobrecido. O avô de Márquez se aliou ao exército liberal, lutando nas penínsulas de Guajira, Padilla e Magdalena, participando até mesmo da ocupação sua cidade natal, Riohacha (Martin, 2009).

Para Torres (2017), “Cem Anos de Solidão” apresenta uma abordagem microhistórica das guerras civis colombianas do século XIX, focando nas experiências pessoais dos personagens em vez de nas grandes ideologias políticas. Aureliano Buendía é impulsionado a lutar não por ideais políticos, mas motivado pela raiva e orgulho pessoal. No fim, o personagem admite que os interesses abstratos dos liberais e dos conservadores não são representativos da população em geral, e se convence de que ambos os lados apenas lutam pelo poder, sem a pretensão de estabelecerem um programa político coeso, efetivo e benéfico para a sociedade. Embora o trabalho não se proponha a analisar a atuação militar e posição política do Coronel Aureliano Buendía no pano de fundo das disputas ideológicas e militares, considero importante apresentar os paralelos da história colombiana na obra, principalmente para contextualizar o início da “saga bananeira, que culmina em um dos episódios mais marcantes do romance: o massacre dos trabalhadores.

Embora o nome “Macondo” tenha sido revelado a José Arcádio Buendía por meio de um sonho, na prática, o nome possuía um referencial concreto, aludindo ao nome de uma fazenda de bananas na região (Márquez, 1967). A etimologia da palavra deriva do termo *makondo*, que significa banana em algumas das línguas Bantu faladas na África, e mais tarde, em algumas regiões do Caribe. Naquele momento, a produção de bananas no departamento de Magdalena (região na qual se situa Aracataca) era majoritariamente controlada pela multinacional americana United Fruit Company (UFC). Com a derrota dos liberais em 1902, o partido vitorioso manteve controle sobre o país pelos próximos trinta anos, um período denominado Hegemonia Conservadora. É nesse contexto que a UFC estabeleceu uma ampla

rede de infraestrutura exportadora na região, além de ter se beneficiado de privilégios cedidos pelo governo, como a concessão de terras e isenções fiscais (Bucheli, 2005).

Aracataca se tornou um centro de atividade fervilhante, cuja população cresceu de algumas centenas em 1900 para cerca de dez mil no final da década de 1920, impulsionada pela indústria bananeira (Martin, 2009). Em Cem Anos de Solidão, o período de ocupação de uma empresa estrangeira provoca inúmeros distúrbios sociais, políticos e ambientais no povoado, indiferente ao impacto causado no cotidiano dos moradores, os quais apenas observam, atônitos e impotentes as mudanças:

Não houve, porém, muito tempo para pensar no assunto, porque os desconfiados habitantes de Macondo mal começavam a se perguntar que diabos estava acontecendo, quando o povoado já havia se transformado num acampamento de casas de madeira com tetos de zinco, atopejado de forasteiros que chegavam no trem de ferro [...]. Os gringos [...] construíram um povoado a parte, do outro lado da linha do trem, com ruas ladeadas de palmeiras, casas com janelas de tela metálica, mesinhas brancas nas varandas e ventiladores de pás dependurados nos tetos [...] (p. 246 – 247).

A narrativa descreve a chegada de profissionais para avaliação e exploração inicial da região, liderados pelo empresário Mr. Herbert, que havia vislumbrando uma oportunidade comercial em Macondo. Relata que os habitantes locais permaneciam alheios sobre as motivações da invasão, mas já a percebiam como um transtorno, ainda mais perturbador do que as antigas incursões dos ciganos. O narrador também aponta a superioridade tecnológica da equipe forasteira, que consegue até mesmo afetar o ecossistema local: modificam o padrão das chuvas; aceleram o ciclo das colheitas e transpõem o curso do rio. Como expresso no trecho: “tantas mudanças ocorreram e em tão pouco tempo, que oito meses depois da visita de Mr. Herbert os antigos habitantes de Macondo se levantavam cedo para conhecer a própria aldeia” (p. 248).

Deste modo, reconheço uma denúncia do escritor às práticas exploratórias de empresas estrangeiras na América Latina, fenômeno identificado com o neocolonialismo que afetou, e ainda afeta, a maior parte das economias da região. As práticas tradicionais de colonização estatal são substituídas pela exploração econômica, mercadológica e trabalhista de empresas capitalistas, nas quais se instalam livremente em territórios estratégicos (com baixos níveis de fiscalização e jurisdição governamental); extraem recursos e matérias-primas, mediante o recrutamento informal de trabalhadores locais, e exportam os produtos para mercados estrangeiros, cujos lucros permanecem concentrados na elite dirigente, sem que vantagens ou melhorias fossem revertidas em benefício da comunidade local. A retórica “desenvolvimentista”, que muitas vezes permeia o discurso favorável à presença econômica

estrangeira, é desmoronada mediante a crítica textual que ressalta a gradual destruição de Macondo.

O assassinato dos trabalhadores constitui um ponto clímax do romance, representando o ápice das atividades abusivas perpetuadas pela empresa. As cenas fazem alusão direta ao real Massacre das Bananeiras que ocorreu na cidade de Ciénaga, no dia 6 dezembro de 1928, onde trabalhadores da United Fruit Company foram executados a tiros pelo exército colombiano. A empresa enfrentava demandas dos trabalhadores por melhores salários e condições de trabalho. A administração rejeitou as reivindicações, levando a uma greve em 12 de novembro de 1928. No dia fatídico, os trabalhadores ocuparam Ciénaga para controlar as comunicações ferroviárias. A situação escalou quando o exército, sob o comando de Cortés Vargas, confrontou a multidão em Ciénaga, resultando em um massacre após a recusa dos trabalhadores em se dispersarem. A violência durou vários minutos, resultando em vários feridos e mortos, embora o número exato de vítimas ainda seja um dado disputado atualmente. Após o massacre, autoridades e importantes moradores de Aracataca, bem como toda a Câmara Municipal, foram persuadidos a enviar cartas declarando que os militares haviam se comportado impecavelmente durante o estado de sítio e trabalhado para o bem da comunidade (Martin, 2009).

A tragédia é recriada no romance, que retrata as insatisfações dos trabalhadores de Macondo sob o ponto de vista de José Arcádio Segundo (bisneto de José Arcádio Buendía). O personagem havia sido empregado da companhia, posteriormente se tornando membro de um sindicato. Os operários acusam a fábrica de não pagarem seus funcionários em dinheiro, mas, distribuir vales para a compra de produtos do próprio estoque, e denunciam as péssimas condições de saúde e habitação oferecidas pela empresa. As reclamações são levadas até tribunais superiores, que, para a surpresa e indignação dos reivindicantes, são desconsideradas pelos “ilusionistas do direito” (p. 325), que negam a existência de um vínculo formal empregatício dos trabalhadores com a companhia bananeira. Assim, “se proclamou em decretos solenes, a inexistência dos trabalhadores” (p. 325).

A partir desse momento, a greve eclode na região. O exército nacional é enviado para reestabelecer a ordem, mas as tensões com os grevistas continuam escalando. Para evitar que a situação saísse do controle, as autoridades emitem um chamado para que a multidão se concentre na estação ferroviária, aludindo à possibilidade de mediação do conflito. José Arcádio Segundo se junta aos trabalhadores, e testemunha a leitura do decreto oficial criminalizando a ação dos grevistas, e outorgando o direito às tropas nacionais de atirar na massa reunida. Mais tarde, o personagem é despertado dentro de um vagão de trem, que

transportava os mortos do massacre para serem lançados ao mar. Ao retornar, em estado lastimável, para Macondo, José Arcádio Segundo é surpreendido pela falta de credulidade da população, que reproduz a versão oficial do governo de que não havia ocorrido nenhum atentado e que nada de grande relevância acontecia na cidade.

Nesse ponto da narrativa, é possível observar a subversão das categorias de real/irreal, e que o recurso narrativo de apagamento “mágico” das memórias dos personagens paralela a censura governamental do real Massacre das Bananeiras, caso que foi abafado pelas autoridades centrais da época. Além disso, argumento que o romance chama atenção para o caráter ideológico, e as vezes até arbitrário, nas definições entre real e sobrenatural, ou o que é julgado entre fato e ficção. Assim, a existência concreta dos trabalhadores é facilmente desmentida pelos tribunais supremos, cuja sentença oficial os transforma em uma espécie de “fantasmas”, desprovidos de direitos. Reforça as dicotomias presentes na narrativa, permeada por personagens que voltam do reino dos mortos e interferem no curso da história. Em suma, o “verdadeiro” absurdo reside em situações que, tanto no plano ficcional quanto historiográfico, correspondem a eventos reais de extrema violência e hostilidade.

Em complemento, é importante ressaltar a influência que a obra de Gabriel Garcia Márquez exerceu sobre a produção acadêmica da história colombiana, atraindo atenção do público comum e de pesquisadores sobre a temática do Massacre das Bananeiras e o impacto da United Fruit Company. Assim, Torres conclui que o romance oferece uma perspectiva única sobre a história da Colômbia, por meio das vivências da família Buendía, compondo uma narrativa que entrelaça o pessoal e o coletivo, refletindo sobre os diferentes usos da memória e do esquecimento como instrumentos na escrita da história oficial e construção de uma memória nacional, espaço constante de disputa e mobilização política (Torres, 2017).

Como já mencionado, é possível identificar uma postura crítica do autor no romance, mediante a denúncia do processo de colonização, do autoritarismo político e da exploração econômica. Quando questionado por Llosa sobre a relação entre sua obra literária e sua posição política, Márquez reitera que o principal dever de um escritor é escrever bem, e que seu desejo sempre foi o de “contar uma boa história” (Márquez, 1967) e não transformar o seu livro em uma ferramenta de conversão política. Entretanto, afirma que, inevitavelmente, as convicções pessoais e ideológicas do escritor informam e influenciam sua obra, e que não poderia ser diferente. Assim, claramente afirma que se posiciona ao lado dos trabalhadores no episódio, atitude já expressa pelas escolhas narrativas (Márquez, 1967).

Ignácio López-Calvo (2022) analisa e compara a atitude política de Garcia Márquez, expressa em discursos públicos e artigos jornalísticos, com sua imagem como escritor. López-Calvo discorda das críticas que denunciam o escritor de ter sugerido certo exotismo e tropicalismo sobre a América Latina em sua obra, reproduzindo uma imagem atrativa (e estereotipada) da região para o mercado internacional e declara que a opinião pública de Márquez era politicamente engajada com a realidade e os problemas da América Latina. Assim, identifica nos discursos do escritor uma denúncia clara à colonialidade⁶. López-Calvo argumenta que o escritor censurava abertamente as práticas imperialistas dos Estados Unidos e da Europa e reafirmava a necessidade de autonomia política e econômica dos países latino-americanos. Alinhado à esquerda do espectro ideológico, advogava pelo direito da América Latina em buscar justiça social em seus próprios termos. Sua narrativa literária do realismo mágico legitima a importância de modos de produção de conhecimento não-ocidentais, por meio da incorporação de crenças populares e indígenas, e tanto sua obra ficcional quanto jornalística propõem uma perspectiva não eurocêntrica para a compreensão da realidade latino-americana (López-Calvo, 2022).

Em consonância com as reflexões apresentadas, Mustanir Ahmad e Ayaz Afsar (2014) afirmam que o realismo mágico de Márquez é fortemente político e atua como um instrumento de protesto contra o colonialismo, já que permite a criação de realidades alternativas que desafiam as narrativas históricas estabelecidas, proporcionando ao leitor uma compreensão mais multifacetada da realidade. Assim, a técnica do realismo mágico é relevante para o debate pós-colonial em “Cem Anos de Solidão”, sendo um fio condutor que consegue costurar as mais variadas experiências e temáticas em um tecido narrativo coerente, além de potencializar o efeito alegórico do romance.

Deste modo, argumenta-se que “Cem Anos de Solidão” se situa em um espaço de hibridismo cultural, fenômeno que refletiu tanto no seu processo de composição quanto no seu conteúdo temático-estilístico. Inserida em um contexto mais amplo da produção literária latino-americana, também se posiciona em uma espécie de “entre lugar”, mediada entre as influências externas e as inspirações de origem local. De forma magistral, consegue conciliar discursos dissonantes na trama narrativa, expressando as múltiplas vozes que compõem a dinâmica cultural latino-americana. Assim, consegue transitar entre realidade e fantasia; fato e ficção;

⁶ Ignácio López-Calvo utiliza a definição de colonialidade proposta por Aníbal Quijano, que se refere à perpetuação dos padrões de dominação social, cultural e econômica que foram estabelecidos durante o período colonial e que persistem após a independência formal dos países colonizados (Quijano, 2007).

trágico e humorístico; sério e paródico; mito e história; local e internacional. Logo, a expressão do realismo mágico demonstra ser especialmente útil para tecer o encontro entre duas categorias dicotômicas, resolvendo a antinomia em nível textual. Como já discutido, a principal característica desse gênero (ou estilo) literário consiste na junção de elementos díspares que conseguem coexistir paralelamente, sem um que anule o efeito do outro. Simultaneamente, o romance resgata aspectos da tradição oral dos povos indígenas, mas também cita obras estrangeiras da literatura universal, estabelecendo um diálogo textual entre os modos narrativos, colocando-os em um mesmo patamar, o que também confere legitimidade às formas tradicionais narrativas da região.

Deste modo, é possível identificar cenas e trechos de denúncia clara a práticas abusivas perpetuadas por figuras e instituições associadas a um poder central, que detém algum tipo de superioridade econômica, política ou militar em relação à Macondo, exemplificado nos episódios de imposição burocrática do alcaide Apolinar Moscote; na exploração desenfreada da zona bananeira; e no assassinato (e posterior apagamento) dos grevistas. Além disso, as óbvias referências ao processo de colonização da América Latina indicam que Márquez estava ciente das possíveis conotações políticas que o romance sugere. A recorrência do sentimento de “solidão”, que não apenas titula a obra, mas também faz parte do destino de todos os personagens da família, também pode ser interpretada como uma alusão à condição da América Latina, região que enfrenta as consequências do seu passado colonial e infelizmente, ainda replica os mesmos padrões de dominação e subordinação.

Retomando as reflexões de Santiago e Bhabha, argumento que “Cem Anos de Solidão” se situa em uma espécie de “entre-lugar” ou “terceiro espaço”, fruto de uma combinação de diferentes discursos que coexistem no plano narrativo. Assim, propicia um palco para que perspectivas e visões de mundo marginalizadas também ganhem espaço representativo na obra, mas não recai em retórica culturalmente purista ou essencialista. Nesse sentido, também contextualiza os “hibridismos” presentes no espaço cultural latino-americano, retratando como elementos locais, indígenas e europeias coexistem em Macondo, nem sempre de modo pacífico, mas em um processo complexo de interação e influência. A habilidade do romance em transitar entre diferentes polos de enunciação também explica seu grande sucesso internacional, encantando leitores de diversas partes do mundo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho buscou se debruçar em elementos presentes em *Cem Anos de Solidão* passíveis de uma leitura engajada com os estudos pós-coloniais. A pesquisa não pretendeu esgotar as possibilidades interpretativas sobre o romance, dada sua grande complexidade e a extensa fortuna crítica já produzida sobre a obra. Assim, ressaltar episódios que julguei mais relevantes para o debate colonial, e consequentemente, para o campo disciplinar das Relações Internacionais. Deste modo, pretendi entrelaçar debates da esfera literária e pós-colonial sobre temáticas relevantes para as RIs, tratando de questões como: formação identitária e pertencimento; os hibridismos presentes em espaços fronteiriços de confluência cultural; a crítica à imposição de padrões de validação e legitimação externos.

A pesquisa se empenhou em explorar as potencialidades narrativas do realismo mágico, além de enfatizar seu papel como uma espécie de ponte que interliga dois polos opostos, tanto em aspectos formais quanto temáticos, constituindo um recurso literário útil para a exploração de temas como a alteridade – a relação conflituosa entre o Eu e Outro – sempre carregado de dicotomias e contradições, mas também permeada por deslizamentos, transbordamentos e hibridizações. Embora não tenha incorporado na pesquisa, considero importante ressaltar que existem leituras críticas sobre o realismo mágico, as quais questionam os limites e as lacunas presentes em seu discurso, além de criticarem a tendência frequente de se estabelecer uma correspondência automática entre esse modo literário e a produção artística latino-americana. Assim, ressalto que o trabalho defendeu uma interpretação possível sobre o realismo mágico, mas que não é a única.

Também existem espaços para a exploração do papel das memórias na obra, mediante uma leitura mais atenta das estratégias de preservação e apagamento de memórias que perpassam a narrativa. Em diversos momentos, o romance ressalta a importância da palavra e da escrita como instrumentos para a compreensão e manutenção de uma determinada realidade social. Além disso, a obra também chama atenção para a presença de interesses pessoais e políticos que envolvem a construção da memória coletiva nacional, e na utilização de artifícios “mágicos” para a produção de esquecimento na população satiriza a facilidade com que eventos históricos são distorcidos, manipulados e eventualmente “esquecidos” pela população.

Em síntese, o trabalho buscou demonstrar como o realismo mágico, expresso em “*Cem Anos de Solidão*”, pode ser interpretado como uma representação literária das complexas dinâmicas culturais que permeiam o cenário latino-americano, e oferece recursos narrativos 50

propícios para a tradução de zonas e espaços de hibridismo e miscigenação cultural. Assim, ressalto que a análise da obra permitiu contextualizar problemáticas no cotidiano, ilustrando como os personagens, sendo pessoas comuns, compreendem, significam e rememoram os eventos retratados, principalmente àqueles que ecoam fatos historiográficos. Ainda, conseguiu resgatar aspectos da tradição oral dos povos indígenas e das comunidades rurais, valorizados e legitimados à nível textual. O recurso alegórico, por vezes empregado no romance, pode ser compreendido como um artifício narrativo para a representação de situações traumáticas, transmitindo ao leitor os sentimentos narrados: nostalgia, aflição, injustiça, angústia e solidão. É nesse exercício que a obra literária nos fornece uma contribuição inestimável, reintroduzindo o humano e o pessoal na pesquisa e análise política.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACNUR. **Pessoas Indígenas Refugiadas no Brasil**, 2024. Disponível em <https://www.acnur.org/portugues/etniasindigenas/#:~:text=POVO%20WAY%C3%9AU,companheiro%2C%20esposo%20ou%20esposa%E2%80%9D>. Acesso em 10 abr. 2024
- AFSAR, Ayaz; AHMAD, Mustanir. Magical Realism, Social Protest and Anti-Colonial Sentiments in One Hundred Years of Solitude: An Instance of Historiographic Metafiction. **Asian Journal of Latin American Studies**, v.27, n.º.2, 1-26, 2014.
- BABÍK, Milan. **The Poetics of International Politics: Fact and Fiction in Narrative Representations of World Affairs**. 1.ed. Londres: Routledge, 2018. p. 5-45.
- BARROS, Marina de Oliveira. **Pós-positivismo em Relações Internacionais**: contribuições em torno da problemática da identidade. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Programa San Tiago Dantas de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.
- BLANCO, Juan Moreno. Amerindian Wayúu Legacy and Garciamarquezian Literary Fable. In: VILLADA, Gene H. Bell; LÓPES-CALVO, Ignacio. **The Oxford Handbook of Gabriel García Márquez**. Nova York: Oxford University Press, 2022. p. 169 – 186.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p. 19-44; 105 – 128
- BLEIKER, Roland. **Aesthetics and World Politics**. 1.ed Nova York: Palgrave Macmillan, 2009. p. 1-47.
- BUCHELI, Marcelo. **Bananas and Business: The United Fruit Company, 1899 - 2000**. Nova York: New York University Press, 2005. p. 7-20.
- CAMAYD-FREIXAS, Erik. **Realismo Mágico y primitivismo**. Relecturas de Carpentier, Asturias, Rulfo y García Márquez. Lanham: University Press of America, 1998. p. 2 - 74.
- CAMAYD-FREIXAS, Erik. The Protean Viewpoint in One Hundred Years of Solitude. In: VILLADA, Gene H. Bell; LÓPES-CALVO, Ignacio. **The Oxford Handbook of Gabriel García Márquez**. Nova York: Oxford University Press, 2022. p. 473 – 491.
- CARPENTIER, Alejo. On the Marvelous Real in America, 1949. In: ZAMORA, Luis Parkinson; FARIS, Wendy B. **Magical realism: Theory, History, Community**. Durham: Duke University Press, 1995. p. 75-88
- CASTRO, Thales. **Teoria das Relações Internacionais**. 1 ed. Brasília, FUNAG, 2012. p. 309- 328
- CHANADY, Amaryll. **Magical Realism and the Fantastic: Resolved Versus Unresolved Antinomy**. Nova York: Routledge, 1985. P 1-31.
- CHANADY, Amaryll, The Territorialization of the Imaginary in Latin America: Self-Affirmation and Resistance to Metropolitan Paradigms, In: ZAMORA, Luis Parkinson; FARIS, Wendy B. **Magical realism: Theory, History, Community**. Durham: Duke University Press, 1995. p. 125-144.
- CHIAMPI, Irleamar. **O Realismo Maravilhoso**. 1.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980. p. 9 - 51

DARBY, Phillip. **The fiction of imperialism**: reading between international Relations and postcolonialism. Wellington House: Londres, 1998. p. 1 – 52.

D'HAEN, Theo L. Magic Realism and Postmodernism: Decentering Privileged Centers. In: ZAMORA, Luis Parkinson; FARIS, Wendy B. **Magical realism: Theory, History, Community**. Durham: Duke University Press, 1995. p. 191-208.

FARIS, Wendy B. **Ordinary Enchantments. Magical Realism and the Remystification of Narrative**. 1.ed. Nashville: Vanderbilt University Press, 2004. p. 1- 169

FARIS, Wendy B. García Márquez and Magical Realism. In: VILLADA, Gene H. Bell; LÓPEZ-CALVO, Ignacio. **The Oxford Handbook of Gabriel García Márquez**. Nova York: Oxford University Press, 2022. p. 31-50.

FLORES, Angel. Magical Realism in Spanish American Fiction, 1955. In: ZAMORA, Luis Parkinson; FARIS, Wendy B. **Magical realism: Theory, History, Community**. Durham: Duke University Press, 1995. p. 109-118.

FLORES, William. Dark Ecology in One Hundred Years of Solitude and Love in the Time off Cholera. In: VILLADA, Gene H. Bell; LÓPEZ-CALVO, Ignacio. **The Oxford Handbook of Gabriel García Márquez**. Nova York: Oxford University Press, 2022. p. 439 – 456

GANDHI, Leela. **Postcolonial theory: a critical introduction**. 2. ed. New York: Columbia University Press, 2018. p. 1-23

GROOM, A.J.R; BARRINHA, André; OLSON, William C. **International Relations Then and Now: Origins and Trends in Interpretation**. 2.ed. Nova York: Routledge, 2019. p. 3-15.

IEGELSKI, Francine. História Conceitual do Realismo Mágico – A Busca pela Modernidade e pelo Tempo Presente na América Latina. **Almanack**, Guarulhos, n. 27, 2021. p. 1-15.

LEAL, Luís. Magical Realism in Spanish American Literature, 1967. In: ZAMORA, Luis Parkinson; FARIS, Wendy B. **Magical realism: Theory, History, Community**. Durham: Duke University Press, 1995. p. 119-124.

LÓPEZ-CALVO, Ignacio. Coloniality and Solitude in García Márquez's Public Speeches and Newspaper Articles. In: VILLADA, Gene H. Bell; LÓPEZ-CALVO, Ignacio. **The Oxford Handbook of Gabriel García Márquez**. Nova York: Oxford University Press, 2022. p. 439 – 456

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem Anos de Solidão**. 137 ed. Rio de Janeiro: Record, 2023

MARTIN, Gerald. **Gabriel García Márquez: A Life**. Nova York: Alfred A. Knopf, 2009. p. 15-61

MERETOJA, Hanna. The Ethics of Stoytelling: Narrative Hermeneutics, History and the Possible. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 1-42.

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das relações internacionais**: correntes e debates. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. p. 189.

PASTOR, Luis Rodríguez. (ed). **Gabriel García Márquez e Mário Vargas Llosa**: DOS Soledades: Un Diálogo Sobre La Novela En América Latina. Alfaguara, 2021. p. 5 – 60.

PERNETT, Nicolás. **García Márquez y la historia de Colombia**. In: El Malpensante, nº152

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Paradoxos do nacionalismo literário na América Latina. **Estudos Avançados**, v. 11, p. 245–259, 1 ago. 1997.

QUIJANO, Aníbal. Coloniality and Modernity/Rationality. **Cultural Studies**, v.21, n 2-3, p. 168/178, mar/mai, 2007.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico: aproximações teóricas**. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014. P. 25-40.

ROBINSON, Lorna. Latin America and Magical Realism: The Insomnia Plague in Cien Años de Soledad. **Neophilologus**, v. 90, p. 249 – 259, apr. 2006

ROH, Franz. Magic Realism: Post-Expressionism, 1925. In: ZAMORA, Luis Parkinson; FARIS, Wendy B. **Magical realism: Theory, History, Community**. Durham: Duke University Press, 1995. p. 15-32.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre a dependência cultural**. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 9-25

SLEMON, Stephen. Magical Realism as Postcolonial Discourse. In: ZAMORA, Luis Parkinson; FARIS, Wendy B. **Magical realism: Theory, History, Community**. Durham: Duke University Press, 1995. p. 407 – 426.

SMITH, Steve. **Positivism and beyond**. In: BOOTH, Ken; ZALEWSKI, Marysia; SMITH, Steve (org). **International Theory: Positivism and Beyond**. Cambridge, Cambridge University Press, pp. 11-44, 1996.

TORRE, Michelle Márcia Cobra Torre. **Literatura, História e Memória em Gabriel García Márquez: Cem Anos de Solidão, o General em seu Labirinto e o Outono do Patriarca**. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Uberlândia, Belo Horizonte, 2017.

WARNER, Christopher. **Magical Realism and the Postcolonial Novel: Between Faith and Irreverence**. 1 ed. Nova York: Palgrave Macmillan, 2009. p. 1-75

WHITEBROOK, Maureen. **Politics and Literature?**. State of the Art. *Politics* 15 (1). p. 55-62, 1995

WHITEBROOK, Maureen. Taking the narrative turn: what the novel has to offer political theory. IN BAUMEISTER, Andrea T. HORTON, John (orgs) **Literature and the Political Imagination**. Londres: Routledge, p. 32-52, 2003.

ZAMORA, Lois Parkinson; FARIS, Wendy B. Introduction: Daiquiri Birds and Flaubertian Parrot(ie)s. In: ZAMORA, Luis Parkinson; FARIS, Wendy B. **Magical realism: Theory, History, Community**. Durham: Duke University Press, 1995. p. 1-14

ZUCKERT, Catherine. **On Reading Classic American Novelist as Political Thinker**,1. *The Journal of Politics*, vol. 43; n. 3; p. 683 – 706; ago; 1981